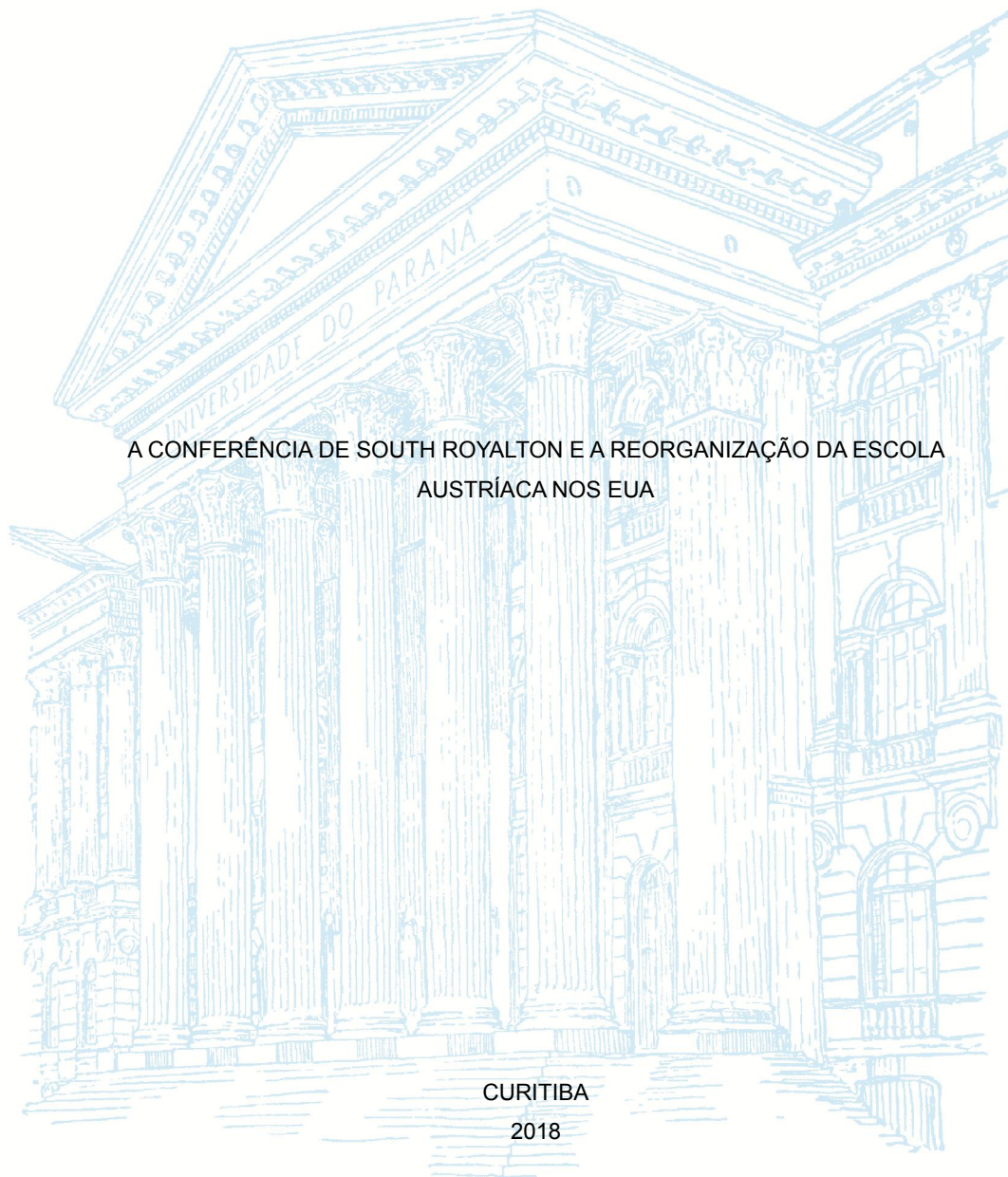


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELOISE DALPIAZ

A CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON E A REORGANIZAÇÃO DA ESCOLA
AUSTRIACA NOS EUA

CURITIBA
2018



ELOISE DALPIAZ

A CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON E A REORGANIZAÇÃO DA ESCOLA
AUSTRÍACA NOS EUA

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Doutor Eduardo Angeli

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

ELOISE DALPIAZ

A CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON E A REORGANIZAÇÃO DA ESCOLA
AUSTRIACA NOS EUA

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Economista, Curso Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Eduardo Angeli
Orientador - Departamento de Ciências Econômicas – UFPR

Prof. Ivan Salomão
Departamento de Ciências Econômicas – UFPR

Prof. Lucas Casonato
Departamento de Ciências Econômicas – FESP

Curitiba, 13 de dezembro de 2018.

À minha família.

O progresso é precisamente aquilo não previsto pelas regras e regulamentos.

Ludwig von Mises

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender melhor o que foi a Conferência de South Royalton, a sua importância para o renascimento da Escola Austríaca e o legado deixado para as ciências econômicas. A metodologia utilizada foi qualitativa e exploratória, partindo de análises bibliográficas e documentais para proposições e desenvolvimento. A presente pesquisa permitiu confirmar a Conferência de South Royalton como um dos principais elementos propulsores do renascimento da Escola Austríaca.

Palavras-chave: Escola Austríaca. Conferência de South Royalton.

ABSTRACT

The aim of this paper is to better understand what the South Royalton Conference was, its importance for the revival of the Austrian School and the legacy left to the economic sciences. The methodology used was qualitative and exploratory, starting from bibliographical and documentary analyzes for propositions and development. This research confirmed the South Royalton Conference as one of the main elements of the revival of the Austrian School.

Keywords: Austrian School. South Royalton Conference.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A ESCOLA AUSTRIACA	10
2.1 A IDENTIDADE DA ECONOMIA AUSTRIACA.....	10
2.2 A ECONOMIA AUSTRIACA COMO ESCOLA.....	12
2.3 OS TRÊS ELEMENTOS DE PROPAGAÇÃO.....	15
2.4 OS TRÊS CAMPOS DE CONHECIMENTO	16
3 A CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON	20
3.1 O CONTEXTO DE INSERÇÃO DA CONFERÊNCIA.....	20
3.1.1 A Decadência da Escola Austríaca	20
3.1.2 A Gestação do Renascimento da Escola Austríaca	24
3.2 A CONFERÊNCIA DE VERMONT	27
3.2.1 Por Que Existiu a Conferência de South Royalton?	27
3.2.2 O Relato de Ebeling.....	28 <u>29</u>
3.2.3 O Relato de North.....	32
3.2.3 O Relato de Dolan	34
3.2.4 O Relato de Vaughn	47 <u>48</u>
3.2.5 Sumário da Conferência	47 <u>48</u>
4 O AUSTRIAN REVIVAL	48<u>49</u>
4.1 PONTO DE INFLEXÃO PARA O RENASCIMENTO DA ESCOLA	48 <u>49</u>
4.2 FRUTOS DA CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON.....	49 <u>50</u>
4.3 AÇÃO, TEMPO E CONHECIMENTO	49 <u>50</u>
4.4 A TRÍADE DA ESCOLA AUSTRIACA	50 <u>51</u>
4.5 A CONFERÊNCIA NA REORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA AMERICANA.....	52 <u>53</u>
5 CONCLUSÕES	54<u>55</u>
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender melhor a Conferência de South Royalton e a sua importância para o renascimento da Escola Austríaca nos EUA. A Conferência foi um evento acadêmico que reuniu aproximadamente 50 professores e estudantes no vilarejo de South Royalton, Vermont em junho de 1974. O principal objetivo da Conferência foi debater as ideias da Escola Austríaca, que na época era tida como um capítulo importante para a economia, porém encerrado. O megaempresário norte-americano Koch foi o responsável por idealizar e patrocinar a Conferência de South Royalton, visando fomentar as ideias de uma economia liberal.

A conferência foi consequência de uma conjuntura global sedenta pelo estabelecimento de uma nova abordagem econômica para o enfrentamento do cenário de estagnação que se apresentava na década de 70. As ferramentas econômicas vigentes até então não conseguiam explicar este cenário e não ofereciam alternativas para superar as dificuldades que estavam presentes. A Conferência de South Royalton criou um fato histórico que atuou como impulso para o debate e a reciclagem das ideias que estavam latentes.

Independentemente do participante ter saído da Conferência convencido pelas ideias da Escola Austríaca ou não, todos levaram muitas oportunidades para reflexão e debates. Após a realização da Conferência de South Royalton, outras conferências com o tema economia austríaca ocorreram. Encontros sobre economia austríaca passaram a acontecer com mais frequência e houve uma intensificação da produção literária com temas de economia austríaca. Além disso, novos programas de pós graduação em economia austríaca foram criados. O legado da Conferência de South Royalton trouxe a reorganização da economia dos EUA, através da discussão em torno os problemas que um estado intervencionista pode trazer para as finanças públicas.

2 A ESCOLA AUSTRÍACA

2.1 A IDENTIDADE DA ECONOMIA AUSTRÍACA

Seldon e Pennance definem Escola Austríaca como “grupo formado nos fins do século XIX por alguns economistas da Universidade de Viena, incluindo, entre outros, Carl Menger (1840-1921), Friedrich von Wieser (1851-1926) e Eugen von Bohm-Bawerck (1851-1914)” (SELDON; PENNANCE, 1977, p. 194). Sandroni acrescenta que “a tradição austríaca encontra-se também nos trabalhos de Ludwig Edler von Mises (...), de Friedrich August von Hayek (...) e de John Richard Hicks” (SANDRONI, 1985. p. 144).

Sandroni escreve que o ponto de partida da Escola se deu por Carl Menger, que chamou a “atenção para os fundamentos psicológicos do valor” (SANDRONI, 1985. p. 144), como crítica aos economistas clássicos que pesquisavam a origem do valor nas *coisas* e não no *homem*. Sandroni aponta que Menger percebeu “a intensidade de um desejo decresce com sua satisfação e daí conclui que o valor de um bem (supondo que ele seja divisível, como um pedaço de pão) é determinado por sua última porção, ou seja, por sua porção menos desejável” (SANDRONI, 1985. p. 144).

Reduzindo todos os fatos econômicos a valores, e partindo da nova noção de valor que formularam, os austríacos acreditaram poder reconstruir abstratamente os mecanismos da vida econômica. Assim eles propuseram novas explicações para o valor dos bens de produção, os juros, a moeda e a distribuição dos bens (SANDRONI, 1985. p. 144)

Seldon e Pennance escrevem que o trabalho realizado pelos três fundadores da Escola “é tido como formando uma nova escola separada, principalmente devido aos seus métodos, diretamente opostos aos métodos indutivos ou históricos que, então, prevaleciam na Alemanha e na Áustria” (SELDON; PENNANCE, 1977, p. 194).

Falando dos princípios essenciais que distinguem a Escola Austríaca de Economia da Escola Clássica de Economia, De Soto enumera nove pontos que

tornam “possível entender de uma forma simples e rápida a diferença de pontos de vista entre ambas as abordagens” (DE SOTO, 2010, p. 17):

1. A Teoria da Ação dos Austríacos Frente à Teoria da Decisão dos Neoclássicos.
2. O Subjetivismo Austríaco frente ao objetivismo neoclássico.
3. O empresário Austríaco frente ao homo *oeconomicus* neoclássico.
4. A possibilidade de erro empresarial puro (austríacos) frente à racionalização a posteriori de todas as decisões (neoclássicos).
5. A informação subjetiva dos Austríacos frente à informação objetiva dos neoclássicos.
6. O processo empresarial de coordenação dos Austríacos frente aos modelos de equilíbrio (geral e/ou parcial) dos neoclássicos.
7. O caráter subjetivo que os custos têm para os Austríacos frente ao conceito de custo objetivo dos neoclássicos.
8. O formalismo verbal dos Austríacos frente à formalização matemática dos neoclássicos.
9. A conexão da teoria com o mundo empírico: os diferentes entendimentos do conceito de “previsão”.

De Soto resume as diferenças entre a Escola Austríaca de Economia da Escola Neoclássica de Economia:

As principais críticas que os economistas austríacos fazem aos neoclássicos e que evidenciam os elementos básicos diferenciadores do seu ponto de vista são os seguintes: em primeiro lugar, concentrarem-se exclusivamente em estados de equilíbrio através de um modelo maximizador que assume como “dada” a informação de que necessitam os agentes para as suas funções objetivo e restrições; segundo, a escolha, em muitos casos arbitrária, de variáveis e parâmetros tanto para a função objetivo como para as restrições, tendendo a incluir os aspectos mais óbvios e esquecendo outros de grande importância, mas cujo tratamento empírico é mais difícil (valores morais, hábitos e tradições, instituições etc.); terceiro, centrarem-se nos modelos de equilíbrio que tratam com o formalismo da matemática e que ocultam as verdadeiras razões de causa e efeito; e quarto, elevar ao nível de conclusões teóricas o que não são mais do que meras interpretações da realidade histórica, que podem ser

relevantes em algumas circunstâncias concretas, mas que não se pode considerar como tendo uma validade teórica universal, uma vez que apenas se baseiam num conhecimento historicamente contingente (DE SOTO, 2010, p. 29).

2.2 A ECONOMIA AUSTRIACA COMO ESCOLA

De acordo com Boettke “existem ao menos dois objetivos e três princípios metodológicos que conferem ao austrianismo um grau de coesão que justifica a utilização do termo ‘escola’” (ANGELI, 2018, p. 1). Os dois objetivos perseguidos pelos autores austríacos seriam “(i) apresentar os eventos econômicos em termos da ação humana direcionada a um propósito (*purposive human action*) e (ii) relatar as consequências não-intencionais desta ação humana” (ANGELI, 2018, pp. 4,5) e os princípios metodológicos seriam “(i) individualismo metodológico, (ii) subjetivismo metodológico e (iii) foco em processos ao invés de estados de equilíbrio” (ANGELI, 2018, p. 5).

Rizzo (2009 apud Angeli, 2018) cita oito temas que caracterizam a identidade austríaca, conforme a seguinte tradução:

(1) a qualidade subjetiva e socialmente integrada da tomada de decisão humana; (2) a percepção individual da passagem do tempo (“tempo real”); (3) a incerteza radical das expectativas; (4) a descentralização do conhecimento explícito e tácito na sociedade; (5) os processos dinâmicos de mercado gerados pela ação individual, especialmente o empreendedorismo; (6) a função do sistema de preços na transmissão de conhecimento; (7) o papel suplementar das normas culturais e outros produtos culturais (“instituições”) na transmissão do conhecimento; e (8) a evolução espontânea - isto é, não dirigida centralmente - das instituições sociais (RIZZO, 2009, apud ANGELI, 2018, p. 5).

O estudo da Escola Austríaca extrapola os limites das ciências econômicas e adentra nas relações da economia “com a epistemologia, a política, o direito, a história, a sociologia, a psicologia, a antropologia e a filosofia política” (IORIO, 2011, p. 17). A Escola Austríaca examina, “de um lado, como a economia é influenciada por todos esses ramos do conhecimento e, de outro, quais as suas implicações

sobre eles” (IORIO, 2011, p. 17). No entender de Iorio, na concepção da Escola Austríaca não existe o típico *homo economicus* descrito nos manuais de economia. Para o autor, o *homo economicus* “é fruto da imaginação, é um fantasma, um espectro, sem qualquer relação com a realidade do dia a dia” (IORIO, 2011, p. 17). Falando da visão integradora dos conhecimentos que a Escola Austríaca desenvolve, Iorio escreve que na perspectiva da Escola Austríaca, o *homo agens* sobrepõe o *homo economicus*: “Tanto na vida do dia a dia quanto no mundo da ciência, o que importa não é o *homo oeconomicus*, mas o *homo agens*” (IORIO, 2011, p. 17).

Por sua vez, Dolan (1976) abre a introdução do livro *The Foundations of Modern Austrian Economics* com o artigo intitulado “*Austrian economics as extraordinary science*” (economia austríaca como ciência extraordinária). O autor descreve que, segundo Thomas Kuhn, existem dois tipos de ciências: a ciência normal e a ciência extraordinária. A ciência normal é a atividade de pesquisa do dia a dia de uma comunidade acadêmica trabalhando e comunicando-se com base em um sistema de crenças, que são aceitos e compartilhados pela comunidade, ao que Kuhn chamou de “paradigma”. Ocorre que de tempos em tempos o sistema de crenças daquela ciência pode sofrer mudanças, de maneira que o paradigma predominante é substituído por um novo. O trabalho desenvolvido na busca e no estabelecimento de um novo sistema de crenças que será proposto para trabalhar dentro da estrutura de um novo paradigma, é chamado de ciência extraordinária. Dolan classifica a Escola Austríaca de Economia como ciência extraordinária, pois a escola fornece um novo sistema de crenças para o estudo das ciências econômicas.

Ao analisar o paradigma austríaco, Dolan resume que o método Austríaco consiste em desdobrar por raciocínio dedutivo verbal as implicações lógicas de quatro axiomas fundamentais: (i) a ação humana intencional, (ii) os seres humanos são diversos em gostos e habilidades, (iii) toda ação acontece no tempo e (iv) as pessoas aprendem com a experiência:

The nature of the problems the Austrians undertake to solve and the entities which they employ determine the permissible methods of solving problems under the Austrian paradigm. The Austrian method, simply put, is to spin out by verbal deductive reasoning the logical implications of a few fundamental axioms. First among the axioms is the fact of purposeful human action.

Supplementary axioms are that human beings are diverse in tastes and abilities, that all action takes place through time, and that people learn from experience (DOLAN, 1976, p. 7).

Para Dolan, a aceitação do paradigma austríaco implica na rejeição da econometria como ferramenta da teoria econômica. Diz o autor que os austríacos acham a econometria inútil como ferramenta para descobrir e estabelecer leis econômicas, pois (i) os axiomas dos quais as leis econômicas são deduzidas são considerados apoditicamente verdadeiros (argumento evidente por si mesmo, que não necessita de provas para ser compreendido e aceito), então as próprias teorias também devem ser verdadeiras e, conseqüentemente, não podem (e não precisam) ser comprovadas por métodos estatísticos, (ii) as teorias austríacas são formuladas em termos de ação, e a ação traz em si mesma elementos contrafactual (elementos de especulação hipotética, não baseados em fatos) que não estão, por princípio, sujeitos a observação direta ou à confirmação por verificação e (iii) a ausência de constantes na vida econômica torna improdutivo qualquer tentativa de determinação econométrica de tais constantes:

Acceptance of the Austrian paradigm entails a radical rejection of econometrics as a tool of economic theory. It is easy to see why Austrians find econometrics useless as a tool for discovering or establishing economic laws. First, since the axioms from which economic laws are deduced are taken to be apodictically true (barring logical errors in the deductive process), the theories themselves must also be true and consequently cannot and need not be subjected to falsification by statistical methods. Second, Austrian theories are formulated in terms of action, and action, as was argued above, contains a counterfactual element, which is in principle not subject to direct observation or confirmation. Finally, the absence of constants in economic life makes any attempt at econometric determination of such constants futile (DOLAN, 1976, pp. 7,8).

De um lado, os quatro axiomas básicos (a ação humana intencional, a diversidade de gostos e habilidades dos seres humanos, a localização da ação no tempo e a aprendizagem como resultado da experiência) colocam a Escola Austríaca de Economia num nível fundamental, básico para a compreensão das ciências econômicas. De outro lado, ao refutar a econometria como ferramenta útil

para a teoria econômica, a Escola Austríaca implode o edifício conceitual da Escola Clássica de Economia. Por isso a Escola Austríaca de Economia vai além de uma *ciência normal* e se apresenta como uma *ciência extraordinária*.

2.3 OS TRÊS ELEMENTOS DE PROPAGAÇÃO

Utilidade marginal – trata-se do conceito de que o valor de um bem ou serviço é determinado por sua utilidade marginal em cada momento do tempo, ou seja, o valor depende da combinação momentânea e simultânea da utilidade com a escassez. Para os austríacos, o princípio da utilidade marginal, a ação, o tempo dinâmico e o subjetivismo são inseparáveis.

Subjetivismo – Pelo subjetivismo a Escola Austríaca “ênfatisa a criatividade e a autonomia das escolhas individuais e, por conta disso, subordina-se ao individualismo metodológico, à concepção de que os resultados do mercado podem ser explicados em termos dos atos de escolha individuais” (IORIO, 2011, p. 20). Dado o emaranhado de fatores que implicam nas escolhas individuais, a Escola Austríaca entende que a compreensão dos fenômenos econômicos não pode ficar limitada a simples interações entre variáveis objetivas. Propõe a análise dos fenômenos econômicos considerando que os mesmos estão, direta ou indiretamente, relacionados com as ações subjetivas dos indivíduos, que se dão sempre sob condições de incerteza, não mensuráveis e ao longo de um tempo dinâmico e real. Ao escolher subjetivamente determinado curso de ação, o indivíduo faz com que os resultados de sua escolha vão determinar os cursos de ações serem potencialmente executadas por outros indivíduos. “Prevalendo a autonomia nas decisões individuais, isto quer dizer que o futuro não pode ser conhecido e nem aprendido” (IORIO, 2011, p. 20).

Ordens espontâneas – Os pensadores da Grécia distinguiam *physei* (por natureza) de *thesei* (por decisão deliberada). Para a Escola Austríaca, esta distinção não se aplica às ciências sociais pois alguns fenômenos sociais, que não têm a natureza como origem, aparecem como resultado da ação individual sem, contudo, terem sido resultado de nenhuma deliberação de qualquer indivíduo. O

sistema monetário, os mercados, as manifestações culturais e a própria linguagem são alguns exemplos de ordens espontâneas. Ordens espontâneas “são, por assim dizer, instituições que se situam entre o instinto e a razão, resultantes da ação humana, mas não da execução de qualquer desígnio humano” (IORIO, 2011, p. 20).

2.4 OS TRÊS CAMPOS DE CONHECIMENTO

Filosofia política - a Escola Austríaca busca explicar a história e as instituições sociais nos limites naturais ao conhecimento humano. Desta perspectiva, resulta que a Escola Austríaca não propõe um mundo melhor baseado em utopias, mas a proposição de “uma teoria do melhor regime baseada em uma concepção da ação humana e da natureza da sociedade” (IORIO, 2011, p. 22). A filosofia política não pode ser tratada como uma ideologia e também não pode ser reduzida ao simples conhecimento da história ou enquadrada apenas como a expressão de uma luta de classes. A Escola Austríaca entende e estrutura a filosofia política como “um desafio filosófico, guiado pela razão e pela experiência em busca do melhor regime político” (IORIO, 2011, p. 22). Ao retirar a utopia e subordinar a filosofia política à experiência e a razão, a Escola Austríaca sobrepõe

(i) as ordens espontâneas sobre as ordens dirigidas (crítica ao sistema misto),

(ii) a evolução da sociedade por processos de mutações permanentes sobre a evolução como resultado exclusivo da razão planejada, o que implica na impossibilidade do estabelecimento de modelos de previsão das trajetórias futuras dos fenômenos sociais (evolução das ciências sociais),

(iii) a democracia como meio de assegurar que os governantes sigam normas gerais e não por decretos que expressam vontades momentâneas e específicas, o que implicaria no enfraquecimento dos mecanismos democráticos de prevenção contra os abusos da vontade da maioria e de imposição de limites à atuação de partidos ou coligações majoritários (democracia e divisão de poderes),

(iv) uma ordem social que garanta as liberdades individuais e o respeito às normas gerais de conduta sobre o poder absoluto do estado, onde o totalitarismo estatal tolheria a liberdade do indivíduo (contenção do poder),

(v) o racionalismo evolutivo sobre o racionalismo construtivista, segundo o qual a mente e a razão humanas seriam capazes construir de novo a sociedade (crítica ao construtivismo).

Epistemologia – Ainda que não estude os entes da razão e também não empregue os métodos experimentais, para a Escola Austríaca a economia é uma ciência factual-dedutiva. “[A economia] é, rigorosamente, uma ciência dedutiva, na medida em que suas leis não são derivadas do que foi observado em diversos casos, mas se inferem a partir de premissas gerais” (IORIO, 2011, p. 27). Como desdobramento da abordagem dedutiva, a Escola Austríaca sobrepõe

(i) os pensamentos e avaliações individuais sobre as inter-relações entre magnitudes objetivas como, por exemplo, a macroeconomia (individualismo metodológico),

(ii) os fatos sobre os modelos, a partir do entendimento que os fatos, nas ciências sociais, não podem ser manejados como objetos físicos mas sim como conceitos que surgem da vontade das pessoas e não de leis que determinam o comportamento esperado (modelos versus fatos nas ciências sociais),

(iii) o falsificacionismo sobre os experienciamentos controlados, uma vez que, diferentemente das ciências naturais, os métodos indutivos não são úteis para as ciências sociais (características das ciências sociais),

(iv) as previsões gerais sobre as previsões particulares e específicas, uma vez que a análise de modelos de informação incompleta não permite previsões específicas (previsão em ciências sociais).

Economia – A economia da Escola Austríaca também deriva da tríade básica – ação, tempo e conhecimento – e se propaga por meio dos conceitos de utilidade marginal, subjetivismo e ordens espontâneas. Os economistas austríacos “erigiram uma obra extraordinariamente rica sob o ponto de vista científico, mas que funciona perfeitamente – evidentemente, naquilo que se pode chamar de ‘perfeição’ em uma ciência social – quando tenta explicar o mundo real” (IORIO, 2011, p. 31). Seis campos da teoria econômica que são essenciais para a compreensão do pensamento austríaco:

(i) **Processo de mercado** - A Escola Austríaca não estuda mercados em estado de equilíbrio e nem utiliza a classificação dos mercados segundo as suas “formas” (concorrência perfeita, oligopólio, concorrência monopolista e monopólio). “Ela trabalha com a hipótese de que os mercados são processos que tendem ao equilíbrio (porque os agentes são racionais e aprendem com os erros), mas que, em cada momento distinto do tempo dinâmico, não estão em suas ‘posições’ de equilíbrio” (IORIO, 2011, p. 31).

(ii) **Função empresarial** - “A função empresarial é a capacidade individual subjetiva de perceber as possibilidades de ganhos existentes nos mercados” (IORIO, 2011, p. 31). Deste modo, a ação humana é o fenômeno empresarial que realça as capacidades perceptiva, criativa e de coordenação do empreendedor.

(iii) **Debate sobre o cálculo econômico** – Na análise da Escola Austríaca, o sistema socialista não permite o cálculo econômico, uma vez que o preço é o resultado do livre mercado e não uma equação baseada em uma planilha produzida por modelos matemáticos. “O socialismo não contempla a propriedade privada; portanto, não faz sentido falar em mercados em um sistema socialista; se não há mercados efetivos, não pode haver preços e, não havendo preços, o cálculo econômico torna-se impossível” (IORIO, 2011, p. 31).

(iv) **Teoria monetária** - São cinco pontos principais: (a) os efeitos das variações do estoque de moeda afetam desigualmente os preços relativos, a estrutura de capital, os padrões de produção da economia e alteram os níveis de emprego dos fatores de produção, (b) os ciclos econômicos são fenômenos que se manifestam no setor real da economia com causas exclusivamente monetárias, (c) a moeda tem o seu valor decretado pelo princípio da utilidade marginal, (d) a inflação não é um simples “aumento contínuo e generalizados de preços” mas sim a queda permanente no poder de compra da moeda provocada pela emissão de moeda e pela conseqüente diminuição de sua utilidade marginal e (e) a moeda é uma ordem espontânea e deste modo é um fenômeno que passa permanentemente por evoluções que são resultantes da ação humana e não de qualquer planejamento.

(v) **Teoria do capital** - o conceito de estrutura de capital ou estrutura de produção considera que um bem, desde que começa a ser produzido até ficar acabado, passa por várias etapas no processo produtivo. Esses diversos estágios correspondem à estrutura de capital da economia e, deste modo, o capital não é

homogêneo e constante. É heterogêneo e varia com os demais fatores de produção ao longo do tempo.

(vi) **Teoria dos ciclos econômicos** - É uma teoria da moeda, do capital e dos ciclos econômicos e debate a ideia de que a emissão de moeda produz o efeito de diminuir a taxa de juros. A inflação, ou seja, a quantidade adicional de moeda que entrou na economia sem lastro, acaba por provocar o desemprego de fatores de produção. “Como disse Hayek, não há escolha entre comer demais (emitir moeda sem lastro real) e ter indigestão (recessão), porque ambas são inseparáveis, a primeira acarretando a segunda” (IORIO, 2011, p. 34).

3 A CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON

3.1 O CONTEXTO DE INSERÇÃO DA CONFERÊNCIA

3.1.1 A Decadência da Escola Austríaca

Angeli (2018), mencionando relato de Kirzner, assinala que no começo da década de 1930, a Escola Austríaca de Economia era tida como um capítulo encerrado:

Kirzner (1987), por sua vez, mostra que, no começo da década de 1930, a escola Austríaca era reconhecida como um capítulo importante, mas já encerrado, da história do pensamento econômico. Em parte isto se devia a que muitos dos Austríacos entendiam que o austrianismo havia sido absorvido pela corrente principal da profissão, deixando de existir razão que justificasse uma escola autônoma, seja pela vitória da posição defendida por Menger no *Methodenstreit* a respeito da possibilidade de teorização em Economia contra a crítica historicista (Kirzner, 1987), seja porque muitas das contribuições austríacas à teoria econômica haviam sido incorporadas pelos economistas de fora da Áustria (ANGELI, 2018, p. 5).

Ainda citando Kirzner, Angeli escreve que a ideia de que as contribuições austríacas haviam sido incorporadas pelo mainstream advém da “geração de Böhm-Bawerk e Wieser, que se enxergavam não como uma alternativa radical à abordagem mainstream, mas como colaboradores dela” (ANGELI, 2018, p. 5).

Nesta mesma direção, De Soto escreve que o modelo de equilíbrio, que vinha sendo estudado como uma mera ferramenta intelectual coadjuvante na construção teórica dos economistas, converte-se, no início da década de 1930, no principal objeto de investigação:

Até aos anos trinta do século XX, o modelo de equilíbrio vinha sendo utilizado pelos economistas mais como uma ferramenta intelectual auxiliar que, por contraste, deveria facilitar a teorização sobre os processos reais de mercado. No entanto, durante os anos trinta, o equilíbrio deixa de ser considerado como uma mera ferramenta auxiliar e paulatinamente converte-se no único objeto de investigação considerado relevante e de interesse pela maioria dos economistas (DE SOTO, 2010, p. 86).

Deste modo, na perspectiva de De Soto, a teoria do equilíbrio transforma-se no ponto principal de atenção dos economistas neoclássicos, com o conseqüente abandono do estudo dos processos dinâmicos de mercado, deixando assim os economistas austríacos à margem do debate:

Durante este período, o equilíbrio converte-se, pela mão dos economistas neoclássicos, no centro focal de investigação, abandonando-se generalizadamente o interesse por estudar os processos dinâmicos de mercado, pelo que os economistas austríacos vão ficando isolados com o seu programa de investigação, muitas vezes sem estarem conscientes, eles mesmos, da importante transformação que está sendo processada na corrente dominante da disciplina (DE SOTO, 2010, p. 87).

De Soto pondera que ao lado da fixação do equilíbrio como objeto privilegiado de investigação, a década de 1930 também foi marcada pelo “o triunfo do panfiscalismo e do monismo metodológico inspirados por Schlick, Mach e restantes positivistas do denominado ‘Círculo de Viena’” (DE SOTO, 2010, p. 88).

Uma questão bastante relevante para compreensão da decadência da Escola Austríaca de Economia foi a controvérsia do cálculo econômico sob o socialismo. Vaughn (1994, cap. 69) escreve que o debate econômico sobre o socialismo pode ser separado em dois momentos. No início, o pensamento socialista era uma crítica ao sistema de produção capitalista e não possuía uma teoria para o estabelecimento de uma nova ordem econômica socialista. Esse pensamento estava calcado no pensamento Marxista, que via as questões econômicas como fenômenos historicamente construídos e próprios do modo capitalista de produção e, por isso, desapareceriam com o fim do capitalismo.

Vaughn resume da seguinte maneira o Debate do Cálculo Socialista:

The socialist calculation debate is an episode in twentieth-century economic thought that has special significance for Austrian economics. On one side of the debate were economists either trained or influenced by the Austrian tradition of Menger, Wieser and Böhm-Bawerk who believed socialism and central planning could not improve upon the economic performance of a regime of private property and free markets. On the other

side were professional neoclassical economists who were critical of market economics because of their perceived failures to achieve full employment, equitable income distributions and rational investment and who wished to find some method of central planning that would duplicate the potential efficiency of free markets without suffering their very real shortcomings (BOETTKE, 1994, p. 480).

No debate, Mises questiona a viabilidade de uma economia onde não houvesse propriedade privada dos meios de produção, o que eliminaria as trocas objetivas que movimentam o mercado. Neste contexto, segundo Vaughn (1994) a inexistência de relações objetivas de troca acabaria, na perspectiva de Mises, com a dinâmica das leis de mercado e, por consequência, não haveria preços que, em última análise, são determinados pelas relações de troca objetiva entre os fatores de produção. Com a impossibilidade do estabelecimento de preços inexistiriam as condições para o estabelecimento de um método racional para a alocação objetiva dos meios de produção. Com este questionamento, Mises coloca em cheque o funcionamento de uma economia socialista. O centro desta questão é o debate sobre o cálculo socialista. Escreve Vaughn:

The set of writings that were to constitute the debate over economic calculation under socialism were generally responses to Mises's article, 'Economic calculation in the socialist commonwealth' (1920). This article was directed primarily at an audience of older Marxists who, despite their belief in the superiority of conscious control of economic life, were astonishingly unconcerned about the details of actually running a centrally planned economy (Lavoie, 1985, pp. 28ff). Many of them believed it was enough to eliminate private property and money in order to eliminate scarcity. What plans they did advocate for running a socialist society paid little attention to the accounting that would be necessary to make certain that income matched out-goings, let alone to efficient use of resources. (BOETTKE, 1994, p. 478).

Para Vaughn, Mises entendia que “a única maneira que os preços podem ser estabelecidos era em um regime de propriedade privada e livre troca” (VAUGHN, 1994, p. 479). Para a autora, os planejadores centrais poderiam até tentar decretar preços, mas ela entende que o estabelecimento de preços depende da maneira

como os indivíduos valorizam os bens. Deste modo, Vaughn entende que para Mises a economia socialista era impossível:

Mises not only charged socialism with being unable to establish prices that actually measured relative resource scarcities, he also criticized the ability of central planning to produce the goods and services that needed to be priced. State-run firms, he argued, where managers were neither owners nor responsible to owners, would be riddled with inefficiencies. Without the incentives that flow from property ownership, managers would act irresponsibly with the resources under their direction, tending to take greater risks with the firm's resources than would private managers. There would be little direct accountability to consumers. (BOETTKE, 1994, p. 479).

A possibilidade (impossibilidade) da economia é um debate que anima o meio acadêmico até os dias presentes. Contudo, na década de 1940, a posição da Escola Austríaca foi percebida como tendo sido superada pelos seus oponentes. Escreve Vaughn:

Despite Hayek's many telling criticisms of market socialism, by the middle of the 1940s the Austrians were considered by the economics profession to have lost the debate. The mainstream of the profession accepted the logical cogency of Lange's plan and regarded Hayek's criticisms as minor complications that in no way undercut the possibility of socialism. It was not until the 1990s, when the Soviet Union imploded, and when formerly communist countries all over the world were trying to reintroduce market economies as quickly as they could, that it was generally conceded that the Austrians had been correct after all in their assessment of the possibility of a centrally planned economy that could match the efficiency of capitalism (BOETTKE, 1994, p. 483).

No contexto destas disputas acadêmicas, os Estados Unidos da América atravessam a "grande depressão americana" no interstício das duas guerras mundiais (1919 a 1939), "[A grande depressão] Atingiu em primeiro lugar e mais profundamente a economia norte-americana, espalhando-se em seguida para a Europa e os países da África, Ásia e América Latina" (SANDRONI, 1985 p. 189). A crise surpreendeu, uma vez que os Estados Unidos atravessavam um momento de

intensa atividade na bolsa e a economia aparentava plena prosperidade. Mas, “de repente, 70 milhões de títulos foram jogados no mercado sem encontrar uma contrapartida de demanda” (SANDRONI, 1985. p. 189).

A “quebra” da bolsa de valores de Nova Iorque no ano de 1929, que ficou conhecida como a “Quinta-Feira Negra”, é o símbolo maior da crise, embora a crise tenha atingido o mundo todo, levando desemprego e desespero a milhões de pessoas. “A desconfiança com os acontecimentos da bolsa espalhou-se para outros ramos da atividade econômica, atingindo a produção” (SANDRONI, 1985. p. 189). No auge, a crise reduziu o comércio internacional para menos de um terço e o desemprego, segundo Sandroni, chegou a 30 milhões ao redor do mundo.

O modelo econômico liberal, que tinha o capitalismo como meio ideal para obtenção do equilíbrio econômico e social, sem a necessidade do estado intervencionista, não resistiu à força da crise.

Como resposta à crise, escrevem Seldon e Pennance, o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt implementa o plano *New Deal* (Novo Acordo), que perseguia dois objetivos primários: (i) oferecer imediato socorro aos desempregados que estavam desamparados e (ii) a recuperação a longo prazo para a agricultura e da indústria. Como implementação do Acordo, “várias leis foram aprovadas, em 1933, para criar empregos, por conta do orçamento federal” (SELDON; PENNANCE, 1977). Com efeito, já em 1934, acontece importante recuperação nas atividades econômicas.

O pretenso sucesso do *New Deal* colocou em evidência a teoria econômica estatizante de Keynes, superando o ideário não intervencionista da Escola Austríaca de Economia. Como consequência, as ideias da Escola Austríaca de Economia perdem espaço e permanecem latentes pelo próximo cinquentenário.

3.1.2 A Geração do Renascimento da Escola Austríaca

Segundo De Soto, nas três décadas que sucedem o fim da Segunda Guerra Mundial, as ciências econômicas são marcadas pelo “triunfo da denominada ‘síntese neoclássica-keynesiana’ e do formalismo matemático da análise de equilíbrio no âmbito da nossa disciplina. “Há o domínio da análise do equilíbrio” (DE SOTO, 2010, p. 131).

Na verdade a análise de equilíbrio é defendida por dois grupos com visões antagônicas. Um grupo é liderado por Samuelson que, junto com Hicks, elaboram a síntese neoclássica-keynesiana. A síntese aceita a teoria de Lange e de Lerner sobre a possibilidade do socialismo de mercado, negando portanto o teorema da impossibilidade do socialismo elaborada por Mises. “Samuelson apresenta como seu objetivo explícito a reconstrução da Ciência Econômica utilizando a linguagem matemática, o que o leva a efetuar múltiplos pressupostos simplificadores que excluem dos seus modelos a maior parte da riqueza e da complexidade que têm os processos reais de mercado” (DE SOTO, 2010, p. 131).

Tentando estabelecer uma data específica para o Renascimento Austríaco na América, Vaughn conta que o termo “Austrian Revival” foi usado pela primeira vez em 1977 por Vivian Walsh, para designar o crescente interesse nas ideias de Menger e seus seguidores.

Contudo, Vaughn entende que três livros precederam e criaram o ambiente necessário para o renascimento da Escola: O livro “*Cost and Choice*” de James Buchanan, publicado em 1969; o livro “*Epistemics and Economics: A Critique of Economic Doctrines*” de George Shackle, publicado em 1972; e o livro “*Capital and Time: New-Austrian Theory*” de Sir John Hicks, publicado em 1973.

De acordo com Vaughn, o livro “*Cost and Choice*”, de James Buchanan, faz a integração das ideias de ‘custo de oportunidade’ na perspectiva individualista e subjetivista da Escola Austríaca com as teorias dos pensadores clássicos e neoclássico. Buchanan estabelece uma base metodológica consistente para as ideias de Hayek, que servirão de base para o florescimento da abordagem proposta pela *London School of Economics*. Embora a intenção Buchanan fosse reunir elementos para subsidiar o aprofundamento de pesquisas pelos estudiosos da Escola Austríaca, o cenário econômico associado às políticas públicas da época, acabou por elevar seu trabalho a condição de referência obrigatória para novos estudos das diversas escolas de das ciências econômicas. A exposição sustentada por robustos e reconhecidos conceitos acadêmicos que Buchanan faz das ideias de Hayek e Mises, contribuiu de maneira decisiva para iniciar o restabelecimento da Escola Austríaca.

Ainda de acordo com Vaughn, o livro “*Epistemics and Economics: A Critique of Economic Doctrines*”, de George Shackle, apresenta importante inovação na

teoria do subjetivismo. Para Shackle, a conduta humana é marcada por decisões que são tomadas levando em conta as consequências, ainda que os resultados sejam materializados no futuro e não no momento a escolha é feita. A decisão, assim, é tomada com base na expectativa que o indivíduo obtém ao equacionar as diversas possibilidades que sua capacidade de análise lhe apresenta. Ou seja, a escolha é feita com base nas prováveis consequências que a opção do presente pode trazer no futuro. O indivíduo faz sua escolha, que é pessoal, no presente, considerando a consequência futura que lhe seja mais benéfica. Mas, questiona Shackle, como que o tecido das múltiplas e diversificadas ideias individuais (que além de diversas, vão sendo elaboradas ao longo do tempo, como reflexo da realidade que se apresenta) poderia ser sintetizado em uma orientação convergente, capaz de definir os parâmetros para o estabelecimento de uma política econômica institucional? Ao examinar a questão, Shackle aplica teorias reconhecidas pela academia para explicar as ideias subjetivistas da Escola Austríaca. Shackle traz um conjunto de novos problemas que servirão de desafios para as futuras pesquisas em torno das ideias da Escola Austríaca.

Vaughn entende que o livro "*Capital and Time: New-Austrian Theory*", de Sir John Hicks, retoma a discussão da teoria do capital que tinha caído no esquecimento. Como inicialmente pensada pela Escola Austríaca, a teoria tinha dificuldade de lidar com a questão do capital fixo. No livro, Hicks supera esta limitação. A teoria da Escola Austríaca, diferente das teorias mais modernas, foca a atenção nas entradas e nas saídas do processo produtivo e não na dinâmica do processo econômico e, com isso, a teoria da Escola Austríaca toma o processo produtivo como um todo e não pela junção de fragmentos como feito pelas teorias mais modernas. A proposta trazida pelo livro traz consequências profundas e inovadoras para o entendimento da dinâmica da economia.

Escreve Vaughn que a publicação destes três livros e os artigos associados, além de trazer para a discussão importantes questões da teoria econômica, devolveu respeitabilidade aos temas e ideias da Escola Austríaca. Nas palavras dela, "the publication of all these books and articles not only raised important questions of economic theory but also made Austrian themes and ideas respectable again" (VAUGHN, 1994, p. 104).

Contudo, escreve Vaughn, por mais importantes que esses eventos acadêmicos tenham sido, o verdadeiro catalisador do renascimento da Escola Austríaca veio de fora dos limites formais da academia: o grande catalisador foi a Conferência South Royalton.

3.2 A CONFERÊNCIA DE VERMONT

3.2.1 Por Que Existiu a Conferência de South Royalton?

Blundell (2014) conta que a partir de 1974, o Institute for Humane Studies (IHS), criado na época em Menlo Park, Califórnia, iniciou um plano para o renascimento da escola de economia de pensamento austríaco. Os três primeiros passos foram a conferência de South Royalton, em junho de 1974, dirigidas por Ed Dolan; a conferência de Hartford, em junho de 1975, dirigido por Dominick T. Armentano; e a conferência do Castelo de Windsor, no início de setembro de 1976, dirigido por Arthur Shenfield e John Bludell (BLUNDELL, 2014).

Blundell escreve que a ideia da South Royalton foi do megaempresário norte-americano Charles de Ganahl Koch. Koch nutria grande interesse pela escola austríaca e já havia trazido, no final dos anos 60, Mises para falar de economia em Wichita. Koch percebeu em Murray Rothbard uma “mente fértil” e queria trazê-lo para o IHS. Tanto Koch quanto Rothbard desejavam fortalecer o pensamento austríaco no IHS e, por este motivo, Koch concordou em financiar conferências e livros da economia austríaca:

Whose idea was South Royalton? Charles [Koch] was very much interested in Austrian economics. He brought Mises to Wichita in the late '60s and Bob Love [another prominent Wichita businessman] brought [Hans] Sennholz every year. Charles saw [Murray] Rothbard as a “fertile mind” and was interested in getting Murray's input at IHS after Baldy died in April 1973. Charles, Murray and I all wanted to push Austrian economics at IHS and Charles agreed to fund conferences and books [...] (BLUNDELL, 2014).

Falando especificamente da Conferência South Royalton, Gary North escreve em abril de 2016, no Gary North's Specific Answers, que foi na *South*

Royalton Conference que uma assembléia de jovens seguidores das ideias de Mises se reuniu para conversar sobre economia pela primeira vez. Não foi mais uma conferência de graduação acadêmica patrocinada pela Intercollegiate Society of Individualists ou pela Young Americans for Freedom ou algo semelhante. A *South Royalton Conference* foi um evento diferente. Foi uma conferência organizada por mesianos para discutir as ideias mesianas. Foi a primeira conferência legitimamente miseana:

This was the first time that an assembly of young Misesians had come together to talk shop, or anything else. This was not another undergraduate conference sponsored by the Intercollegiate Society of Individualists, let alone Young Americans for Freedom. The IHS had sponsored a conference for graduate students in economics in 1969 in southern California, but the lecturers had been mainly Chicago School economists. This was different. This was our very own conference. We got to listen to boring papers and everything. Like residents of South Royalton who were practicing to become people, we were practicing to become academics (NORTH, 1999, p. 1).

Das perspectivas de North e de Blundell, a *South Royalton Conference* existiu como resposta para dois anseios. De um lado, como resposta aos anseios de uma geração de jovens e independentes estudiosos acadêmicos libertários e de outro lado, como a resposta aos anseios de um grupo de importantes empresários liberais norte-americanos.

O IHS articulou a *South Royalton Conference* para reunir em um mesmo evento os anseios dos teóricos acadêmicos e os anseios dos empresários por uma economia livre da intervenção do estado, nos moldes propostos pelas ideias da então combatida Escola Austríaca.

3.2.2 O Relato de Ebeling

Richard M. Ebeling, que atualmente leciona economia no Hillsdale College em Michigan, é professor adjunto do Mises Institute e trabalha no departamento de pesquisa do American Institute for Economic Research, participou da conferência. Em artigo publicado em 1974 ele conta o seguinte:

During the week of June 15–22, 1974, the quaint and rustic Vermont village of South Royalton came alive in a way that it probably hasn't since the Revolutionary War. Under the auspices of the Institute for Humane Studies, 50 professors and students from the United States, Australia, and England gathered for a conference on Austrian economics. EBELING, 1974, p. 2)

Ebeling descreve o encontro que ficou conhecido como South Royalton Conference que, mais tarde, viria a conquistar a reputação de ter provocado o renascimento da então combalida Escola Austríaca de Economia. A seguir, é apresentado um resumo das anotações que Ebeling publicou no referido artigo.

Primeiro dia

Ebeling escreve que na cerimônia de abertura, Milton Friedman declara que a melhor política de governo seria a garantia de inflação zero. Ao ser questionado, admite, porém, que o mais adequado seria manter a oferta monetária constante e permitir que os preços caíssem suavemente em decorrência de melhor produtividade. No mesmo discurso, Friedman também defendeu a indexação como método adequado para controle da inflação.

Segundo dia

Falando do segundo dia da Conferência Ebeling escreve que Murray Newton Rothbard¹ e Israel Meir Kirzner² abrem a semana de rigorosas e expressivas palestras em torno das múltiplas facetas da teoria austríaca. Das implicações da praxeologia. O homem age por meio de ações conscientes com o intuito de alcançar objetivos escolhidos, implicando que toda ação é proposital e racional do ponto de vista do sujeito que age. Além de que, toda ação ocorre através do tempo futuro, mas a sua decisão é tomada no tempo presente, com expectativa de determinado resultado. Uma vez que a ação é proposital e subjetiva (subjetiva no sentido de que é tomada pelo sujeito, segundo suas percepções e vontades), qualquer estudo estatístico ou histórico, que é objetivo (objetivo, pois está baseado no

1 **Murray Newton Rothbard**, foi economista norte-americano da Escola Austríaca. Participou da criação do conceito moderno de libertarianismo e criou uma variante do anarquismo baseada no livre mercado, que denominou "anarcocapitalismo". Escreveu mais de uma dezena de livros e diversas centenas de artigos sobre ética, filosofia, economia, história americana e história das ideias.

2 **Israel Meir Kirzner**, professor emérito de economia na Universidade de New York. É respeitado como maior autoridade nas ideias e metodologia econômica de Ludwig von Mises.

comportamento do objeto de análise – no caso, as variáveis do mercado), com o propósito de medir ou prever o comportamento do mercado, que é resultado da atividade humana, está fadado ao fracasso. Para Rothbard e Kirzner, a adoção de modelos econômicos fora da realidade advém da incapacidade dos economistas de compreender a força propulsora das ações humanas. Colocar o equilíbrio (aquele ponto no qual todas as atividades de mercado param e todos os participantes adquirem conhecimento perfeito com gostos e preferências imutáveis) como pedra fundamental na explicação de fenômenos de mercado é um grande equívoco. “Diferentemente das ciências naturais, as ciências sociais têm como objeto a ação intencional dos indivíduos que raciocinam”.

Ebeling complementa que Ludwig Lachmann³, na sua fala, destaca que “o mercado não é uma série de pontos de equilíbrio em uma curva, mas sim um processo em permanente movimento, pois o curso da ação humana jamais descansa”. O homem, que não é onisciente, trabalha com (e reage ao) um fluxo permanente de novos (e provisórios) conhecimentos sobre a disponibilidade de recursos, a ação de outros homens e ocorrências aleatórias não previstas. Como a interpretação do fluxo é diferente para cada indivíduo (a interpretação é subjetiva, pertence ao sujeito), o que parece ser relevante para um, pode ser totalmente insignificante para o outro. Por isso, a análise é subjetiva.

Ebeling relata que Kirzner, na sua palestra, fala que o mercado busca permanentemente o equilíbrio sem, contudo, alcançá-lo. Explica que se pode esperar que os planos dos diversos participantes do mercado se combinem na direção de equilibrar e até mesmo de ajustar as ações humanas para uma convergência. O operador do mercado quando age, não age como um simples “tomador” cego de preços e ofertas de recursos. Ele ocupa o papel de “vigilante” atento às mudanças. Este estado de alerta para oportunidades serve como elemento-chave do equilíbrio provisório do mercado – por um lado, atua como força que permanentemente desequilibra e por outro lado, com a força que sempre reaproxima o mercado do equilíbrio. Para Kirzner, este estado de alerta é a principal característica do empreendedor, pois não se trata de saber quando contratar e onde colocar os recursos. Antes, o que importa é a capacidade de saber onde obter o

3 **Ludwig Lachmann**, foi professor na Universidade de Witwatersrand.

conhecimento e quais informações coletar para detectar oportunidades não percebidas pelos outros empreendedores.

Terceiro dia

Sobre o terceiro dia da Conferência Ebeling relata que Lachmann e Kirzner palestram sobre a teoria austríaca do capital. Defendem que têm sido infrutíferas as tentativas de medir e quantificar estoque de capital, enquanto produto intermediário usado na produção de bens de consumo. A causa é a subjetividade que é empregada no processo de avaliação, pois aquilo que é visto como um bem de capital em certo caso pode ser visto como totalmente inútil em outro caso, dependendo da subjetividade do ator que faz a avaliação. Kirzner usa a metáfora bíblica do “bolo meio assado” (Efraim se mistura com os povos; Efraim é um bolo que não foi virado. Oséias 7.8) para ilustrar a tentativa de somar valores de mercado para mensurar bens de capital, uma vez que a forma intermediária que os recursos assumem no processo de um plano humano não é nem uma e nem outra coisa.

Ebeling, 1974, escreve que Rothbard fala sobre a teoria austríaca do dinheiro. Parte da aplicação do conceito da utilidade marginal do dinheiro, conforme proposto por Mises, para explicar como o dinheiro se originou e como foram estabelecidos os valores de troca no mercado. Sugere três áreas para futuras pesquisas: (i) como separar o estado da moeda; (ii) a questão do *free banking* versus 100% *gold dollars*; e (iii) a definição para geração de dinheiro. Encerra sua palestra falando da “pré-história” da escola austríaca, onde aborda a teoria da utilidade marginal na idade média na Espanha e na Itália.

Ebeling escreve que Lachmann encerra o dia fazendo uma crítica à macroeconomia e à contra-revolução neo-ricardiana. A macroeconomia, na avaliação de Lachmann, assume uma estrutura de preços de equilíbrio no longo prazo, mas toma como base para o cálculo a estatística de preços de equilíbrio das saídas diárias e não a estatística do preço de saída do mercado de longo prazo. Os preços são afetados pelo conhecimento que é reformado permanentemente pelas mudanças no fluxo das saídas do mercado, que é contínuo. Por ser contínuo, não é possível definir o momento de corte para determinar o ponto de equilíbrio do preço. O mercado é um padrão de movimento e não um padrão de equilíbrio. Por este motivo, para Lachmann é impossível encontrar variáveis macros consistentes para a macroeconomia. Essa incapacidade de explicar o funcionamento da economia a

partir de uma fundamentação macro resultou na contra-revolução dos economistas ricardianos. Mas para Lachmann a escola neoclássica é incapaz de dar uma resposta dentro da estrutura macro. Este é o ponto de inflexão no qual a escola austríaca deve dar um passo à frente e apresentar a solução microeconômica. Lachmann propõe o slogan “subjetivistas radicais” e sugere que o individualismo metodológico da escola austríaca possibilitará a compreensão de que o processo econômico se desenrola por meio da ação humana.

Quarto dia

Ebeling relata que no quarto dia da Conferência Kirzner e Rothbard tratam das implicações filosóficas e éticas da teoria econômica austríaca. Kirzner defende o princípio da análise econômica “wertfree” (livre de conteúdo normativo, sem julgamento moral). Ao economista não compete avaliar os fins escolhidos, mas sim avaliar se os meios escolhidos serão ou não serão bem sucedidos para o fim proposto. Rothbard faz um contra ponto e pondera que o economista não pode ser totalmente isento de valores. Muitas vezes pode ser necessário ter certos princípios para julgar também os fins.

3.2.3 O Relato de North

North⁴ participou da conferência e escreveu (North, 1999) que a conferência realizada em South Royalton, Vermont, em 1974, foi “o primeiro evento público no estabelecimento do status da Escola Austríaca como um movimento americano” (NORTH, 1999, p. 1). Para North, Rothbard, Kirzner, Lachmann e Henry Hamlet foram os principais palestrantes. “A maioria dos participantes era de jovens economistas, embora houvesse um professor-assistente de psicologia e eu, que era oficialmente um historiador” (NORTH, 1999, p. 1).

North escreve que a escolha da vila South Royalton em Vermont para a realização da conferência não foi exatamente por questões relacionadas com reputação acadêmica. “The conference was held in this village, the scuttlebutt said, because the economics faculty of a prestigious not-quite-Vermont college had

⁴ **Gary Kilgore North** é escritor, historiador econômico e acadêmico associado do Instituto Ludwig von Mises. É autor ou coautor de mais de cinquenta livros.

renege on its prior authorization to allow the conference to be held on its campus” (NORTH, 1999, p.1).

Mises havia morrido no outono anterior. Hayek acabara de ganhar o Prêmio Nobel. Para North, o momento não poderia ter sido mais propício para a realização da Conferência. A conferência teve o mérito de reunir um grupo de jovens eruditos interessados em construir suas carreiras sob a orientação de um dos pioneiros do movimento que acabava de conquistar o Nobel. Com Hayek no centro das atenções, a conferência ganhava status e importância. Neste sentido, novamente com ironia, North escreve que “[...] attendance at this conference would not become an act of career hara-kiri” (NORTH, 1999).

Na análise de North, em 1974 a oferta e a demanda de Ph.D. estavam descaídas. Havia um excesso de doutores. Na perspectiva de North, o sistema acadêmico continuava gerando Ph.Ds devido ao financiamento baseado em insumos e não em produção. Escreve North que o pagamento aos departamentos universitários era ponderado em favor do número de alunos de pós-graduação matriculados ao invés da ponderação levar em conta o valor de mercado dos acadêmicos formados. No entender de North, as universidades não tinham incentivos para reduzir a formação de Ph.Ds em excesso. Escreve North que *“misesian economists presumably understand the nature of supply and demand in a system where government funding is involved”* (NORTH, 1999).

Escreve North que *“this was the first time that an assembly of young Misesians had come together to talk shop, or anything else”* (NORTH, 1999). Tratava-se, no entender de North, “da nossa conferência”, referindo-se aos Misesianos. *“Like residents of South Royalton who were practicing to become people, we were practicing to become academics”* (NORTH, 1999).

North registra que Friedman afirmou na palestra de abertura que *“there is no Austrian economics or Chicago economics; there is only good economics and bad economics”* (NORTH, 1999). Segundo North isso não foi bem aceito pelos conferencistas e cita Richard Ebeling que comentou negativamente o discurso, dizendo que não era apropriado para uma conferência sobre economia austríaca. Para North, na divisão do trabalho intelectual, há sempre mais de duas escolas de pensamento, sejam elas eclesíásticas ou acadêmicas e todos preferem acreditar que existem apenas o bem e o mal e que estão do lado do bem. *“It is when armies*

recruit troops for battle, or parcel out the spoils, that the issue of the specific banner becomes important" (NORTH, 1999).

Para North, o discurso de Friedman não foi o maior problema. O real problema foi a divisão em duas frentes. De um lado, Rothbard e do outro, Lachmann, com Kirzner servindo como moderador.

North relata que ficou impressionado com o primeiro discurso de Lachmann, pela percepção caleidoscópica que ele trouxe para o debate. O registro que North faz esclarece que o ponto epistemológico da percepção caleidoscópica reside na ideia que a percepção humana não é linear e sim momentânea. O homem vive em uma série de momentos. Cada momento é autônomo, sem passado ou futuro. O futuro como percebido no presente é como o caleidoscópio de uma criança, em que os padrões vêm e vão sem uma razão.

3.2.3 O Relato de Dolan

Edwin G. Dolan, organiza no livro *"The Foundations of Modern Austrian Economics"*, publicado em 1976, 14 comunicações realizadas ao longo da Conferência pelos palestrantes Edwin G. Dolan, Murray N Rothbard, Israel M. Kirzner, Murray N. Rothbard, Ludwig M. Lachmann, Gerold P. O'Driscoll Jr. e Sudha R. Shenoy.

No prefácio do livro, Dolan escreve que o IHS patrocinou a primeira de uma série de conferências sobre economia austríaca, que acabou atraindo cerca de cinquenta participantes de todas as regiões dos Estados Unidos e de três continentes no exterior. Segundo Dolan, os conferencistas Kirzner, Lachmann e Rothbard despertavam o interesse dos participantes na discussão dos fundamentos da moderna economia austríaca: *"The conferees came to hear Israel M. Kirzner, Ludwig M. Lachmann, and Murray N. Rothbard survey the fundamentals of modern Austrian economics and thereby challenge the Keynesian-neoclassical orthodoxy [...]"* (DOLAN, 1975, p. vii).

Dolan escreve que as palestras da conferência endereçaram duas questões principais: (i) qual é a contribuição austríaca para a teoria econômica? E (ii) quais os problemas relevantes e as novas direções para a economia austríaca no momento da conferência?

Para Dolan, a resposta positiva à conferência denotou uma renovação importante da tradição austríaca. Mas, segundo o autor, o impulso de renovação ultrapassou os próprios limites das ideias da escola austríaca e acabou por impulsionar, de alguma maneira, também a reestruturação das ideias da corrente ortodoxa.

Com relação a corrente ortodoxa, Dolan escreve que os anos dos governos Kennedy-Johnson foram o auge da síntese neoclássica keynesiana nos Estados Unidos, de maneira que economistas neoclássicos keynesianos ocuparam os principais postos de assessoria econômica no governo federal americano. Na avaliação de Dolan, havia um otimismo que seria possível corrigir os rumos da economia e vencer a depressão e suas consequências. Contudo, registra Dolan, a recessão inflacionária dos anos setenta introduziu um pessimismo quanto a capacidade de superação das dificuldades e as palestras da South Royalton Conference, tiveram como centro as dúvidas e questionamentos que rondavam a economia norte-americana na década de 1970.

Praxeologia

Murray N Rothbard, no artigo "*Praxeology: The Methodology of Austrian Economics*", fala da praxeologia como metodologia para compreender a dinâmica da economia sob a ótica da ação humana, de acordo com o entendimento de Mises: "*Praxeology rests on the fundamental axiom that individual human beings act, that is, on the primordial fact that individuals engage in conscious actions toward chosen goals*" (DOLAN, 1976. p. 19)

Rothbard entende que a praxeologia é o estudo dos fatores que levam as pessoas a atingirem seus propósitos. Para Rothbard, devido ao fato de que a ação humana é imprevisível, não é possível derivar o entendimento da dinâmica da economia a partir da formação de modelos baseados em comportamentos do passado.

Metodologia

Kirzner, no artigo "*On the Method of Austrian Economics*", conduz uma discussão sobre a metodologia subjetiva de análise dos eventos econômicos. Para Kirzner, toda discussão sobre metodologia econômica deve confrontar um fato elementar com uma hipótese.

A hipótese proposta por Kirzner, na economia, é que o ser humano faz escolhas, o que restringe qualquer desenvolvimento de uma teoria de “economia positiva” (que seria objetiva, isto é, que seria determinada pelo objeto “economia”).

Na conclusão do artigo, Kirzner resume que os economistas austríacos trabalham com dois princípios: o da determinação humana e o da volatilidade do conhecimento. Para Kirzner, o princípio da determinação humana é capaz de sustentar o requisito de tornar o mundo inteligível em termos de ações humanas, mas o princípio da volatilidade do conhecimento humano não é capaz de sustentar o requisito de que as explicações econômicas tenham a capacidade de endereçar as consequências não intencionais da ação humana.

A pré-história da escola austríaca

Rothbard, no artigo “*New Light on the Prehistory of the Austrian School*”, resgata o percurso histórico das ideias da Escola Austríaca. O ensaio percorre a rota das ideias, partindo de Aristóteles, passando pela Idade Média, nos escolásticos tardios da Espanha e Itália, até chegar a Adam Smith.

De Soto, escrevendo sobre o referido ensaio de Rothbard, diz que

As is known, Murray N. Rothbard was one of the theorists who defended with the most creativity and coherence the need for free banking subject to general legal principles, in other words, banking with a cash ratio of 100 percent of demand deposits. Likewise, he was one of the first theorists to stress the great influence which the theoretical contributions of the Spanish scholastics of the University of Salamanca in the sixteenth and seventeenth centuries were to have as the direct predecessors of the Austrian School of Economics (DE SOTO, 1996. p. 59).

De Soto entende que uma grande contribuição do artigo de Rothbard foi mostrar a maneira como os teóricos da Escola de Salamanca, no século XVI, desenvolveram uma teoria para legitimar a prática de cobrança de juros pelos bancos, que em grande parte fundamentam as ideias da Escola Austríaca.

De Soto acrescenta que Rothbard foi, de um lado, um dos teóricos que defendeu com maior criatividade e coerência a necessidade de serviços bancários livres e sujeitos a princípios legais gerais e, de outro lado, ele foi um dos primeiros

teóricos a enfatizar a grande influência que as contribuições teóricas dos escolásticos espanhóis da Universidade de Salamanca, nos séculos XVI e XVII, teriam como predecessores diretos da Escola Austríaca de Economia.

Implicações filosóficas e éticas

Kirzner, no artigo "*Philosophical and Ethical Implications of Austrian Economics*", trata da limitação do debate da ética e da filosofia entre os economistas, que percorreu todo o período entre guerras.

No ensaio, Kirzner defende que o que sempre esteve em discussão não foi a moralidade do capitalismo ou do socialismo e, tão pouco, o bem-estar econômico da sociedade sob o capitalismo ou o socialismo. No seu entendimento, o debate girava em torno da capacidade dos planejadores centrais do sistema socialista em tomar decisões acertadas, levando em conta a escassez de recursos para atender a demanda definida pela preferência dos consumidores. No entender de Kirzner, os economistas austríacos iam além da simples exploração econômica. Os austríacos buscavam demonstrar a inviabilidade de um sistema econômico que tinha como premissa a necessidade de antever a demanda dos cidadãos para poder planejar a produção para satisfazê-la.

Kirzner avalia que a discussão ética e filosófica das ideias da economia socialista representou uma ruptura brusca com as polêmicas tradicionais relacionadas à questão do socialismo-capitalismo. Tradicionalmente, os argumentos a favor ou contra o capitalismo tinham, até 1920, sido profundamente envolvidos em questões técnicas e Mises evitou a toda maneira abordar quaisquer alegações concernentes à suposta superioridade moral do socialismo. Kirzner conclui que Mises limitou seu argumento ao aspecto de que o socialismo, enquanto sistema econômico, não era capaz de cumprir os objetivos enunciados pelos seus proponentes.

Kirzner entende que é legítimo citar conclusões técnicas para promover uma sociedade livre, com livre mercado, respeito a propriedades e respeito à competição. Kirzner finaliza seu ensaio afirmando que é certo que se alguém acredita que a verdade científica vale a pena perseguir e disseminar, "one can be expected to be prepared to exercise the restraint necessary to prevent that truth from being dismissed in the eyes of the public as mere propaganda" (DOLAN, 1976. p. 87).

Julgamentos de Valor e Políticas Públicas

No artigo "*Praxeology, Value Judgments, and Public Policy*", Rothbard defende que a praxeologia tem status metodológico equivalente às demais ciências e, desta forma, a praxeologia está livre das interferências do julgamento de valores e da própria ética. "*Praxeology, like the other sciences, is the value-free handmaiden of values and ethics*" (DOLAN, 1976. p. 90).

Rothbard entende a ética como a disciplina que trata das decisões sobre quais ações o indivíduo deve ou não praticar. Para Rothbard, o indivíduo possui valores e os seus valores orientam-no na formação dos juízos de valor no seu posicionamento diante dos fatos com os quais lida. Deste modo, no entender de Rothbard, a ética é objetiva, pois a situação (objeto) orienta o indivíduo (sujeito) na sua tomada de posição.

Ao entender a ética de maneira objetiva, que poderia ser fundada baseando-se nas exigências da natureza humana, Rothbard se coloca contrário ao entendimento de Mises de que a ética seria subjetiva, uma vez que os fins maiores não estão subordinados à avaliação racional do indivíduo (sujeito).

Rothbard finaliza o ensaio afirmando que, mesmo que a teoria econômica praxeológica seja extremamente útil para fornecer dados e conhecimento para enquadrar a política econômica, ela não pode ser suficiente para permitir ao economista fazer quaisquer declarações de valor ou defender qualquer política pública de qualquer natureza. Para Rothbard, nem a economia praxeológica nem o liberalismo utilitarista de Mises são suficientes para justificar o *laissez-faire* e a economia de livre mercado. No entendimento de Rothbard, para esta justificativa ser possível, é preciso ir além da análise econômica e do utilitarismo. É preciso estabelecer uma ética objetiva, que afirme o valor primordial da liberdade e condene moralmente todas as formas de estatismo. "To make the full case for liberty, one cannot be a methodological slave to every goal that the majority of the public might happen to cherish" (DOLAN, 1976. p. 109).

Equilíbrio de Mercado

No ensaio "*Equilibrium versus Market Process*", Kirzner elabora uma crítica sobre a teoria econômica moderna de equilíbrio. Para Kirzner o equilíbrio, na teoria econômica moderna, seria uma condição hipotética na qual as forças do mercado se

igualam de maneira que as variáveis micro e macroeconômicas permanecem estáveis.

Kirzner enfatiza que uma característica marcante da abordagem austríaca é sua ênfase no mercado como processo e não como uma mera configuração de preços, qualidades e quantidades, que na teoria do equilíbrio, se tornariam consistentes entre si, na medida em que produzem uma situação de equilíbrio. Para Kirzner as ideias da economia austríaca estão vinculadas à insatisfação com o uso geral do conceito de concorrência perfeita.

No artigo Kirzner faz notar que a opção de Mises pela percepção do mercado como processo está inerentemente ligada com a teoria da ação humana que coloca a ação no centro, ao contrário da teoria do equilíbrio que coloca a inação como ponto central. Kirzner enfatiza que colocar a ação humana no centro do processo de mercado, torna necessário analisar a motivação da ação humana como a principal formadora dos preços, o que de fato determina a relação entre produção e consumo. Não o contrário, onde o preço seria determinado pela hipotética situação de equilíbrio entre produção e consumo. Segundo o ensaio de Kirzner, para os austríacos, o preço determina a procura e a oferta e não o contrário, onde a oferta e a procura determinariam o preço.

No entendimento de Kirzner, o entendimento de que o preço determina a produção e a procura (e não o contrário), explica a impossibilidade de haver sucesso no planejamento central da produção, pois tanto a produção quanto a procura são orientadas pelo preço, que é, em última análise, formado pelo indivíduo e suas preferências particulares e não pela “vontade coletiva”:

The bureaucrat, employer, or official offers a bonus for greater effort. For entrepreneurial incentives to operate, on the other hand, it is necessary for those who perceive opportunities to gain from noticing them. An outstanding feature of the market system is that it provides these kinds of incentives. Only by analysis of the market process does this very important entrepreneurial aspect of the market economy come into view. The real economic problems in any society arise from the phenomenon of unperceived opportunities. The manner in which a market society grapples with this phenomenon cannot be understood within an exclusively equilibrium theory of the market. The Austrian approach to the theory of the market therefore holds considerable promise. Much work still needs to be done. It

would be good to know more about the institutional settings that are most conducive to opportunity discovery. It would be good to apply basic Austrian theory to the theory of speculation and of the formation of expectations with regard to future prices. All this would enrich our understanding of the economics of bureaucracy and of socialism. It can be convincingly argued that Mises's famous proposition concerning economic calculation under socialism [125] flows naturally from his "Austrianism." Here, too, there is room for further elucidation. In all this agenda, the Austrian emphasis on process analysis should stand up very well (DOLAN, 1976. p. 124).

Processos de Mercado

No ensaio "*On the Central Concept of Austrian Economics: Market Process*", Lachmann traz uma visão da importância da percepção e da projeção individual para os processos de mercado. Nessa visão, a economia está centrada na ação humana e por isso é essencialmente subjetiva pois agrega os gostos, preferências, conhecimento e expectativas das pessoas. De acordo com Lachmann, o mercado é um processo contínuo e a produção é orientada por planos que são elaborados com base em projeções das expectativas de demanda. Lachmann também aponta que as pessoas possuem expectativas diferentes e com diferentes graus de incerteza podendo haver maior ou menor aproximação com a realidade que se manifestará no futuro. O desencontro entre a expectativa e a realidade que se faz presente implica em falhas de equilíbrio no plano previamente traçado, o que demanda uma ação para a redefinição do plano.

Em resumo, na percepção de Lachmann, as ações do mercado são governadas pelas percepções, projeções e ações individuais e não por suposta percepção e planejamento da ação coletiva. Mas, mais relevante para a dinâmica do mercado, são as falhas que os indivíduos comentem na projeção do futuro e as inerentes ações de correção dos desvios:

Finally, the divergence of expectations, apart from being an obstacle to equilibrium, has an important positive function in a market economy. It is an anticipatory device. The more extended the range of expectations, the greater the likelihood that somebody will catch a glimpse of things to come and be "right." Those who take their orientation from the future rather than the present, the "speculators," permit the future to make its impact on [132] the market process earlier than otherwise. They contrive to inject a glimpse

of future knowledge into the emergent market pattern. Of course they may make mistakes for which they will pay. Without divergent expectations and incoherent plans, however, it could not happen at all (DOLAN, 1976. p. 132).

A teoria do capital

No ensaio "*The Theory of Capital*", Israel M. Kirzner apresenta a perspectiva austríaca sobre vários conceitos fundamentais à teoria moderna do capital, na visão de como o mercado opera.

Em dez páginas, Kirzner defende que o capital é o meio indispensável para melhorar o bem-estar dos indivíduos e resulta do investimento de poupança prévia e não pelo ato do governo aumentar o volume de moeda em circulação. O mercado de capitais, que reúne de um lado a oferta de poupança e, de outro lado, os tomadores, nada mais é, na concepção de Kirzner, do que o adiamento do consumo que os poupadores fazem em troca de juros e o a antecipação da capacidade de produção que os tomadores fazem mediante o pagamento de juros. A taxa de juros é o elemento que liga a poupança (postergação do consumo) com a demanda de investimento (antecipação da capacidade de produção).

No entender de Kirzner, a interferência artificial no comportamento espontâneo do ciclo do mercado será sempre perniciosa. Seja no estabelecimento de preço mínimo e preço máximo, seja na fixação artificial de metas de produção, seja no aumento ou diminuição da moeda circulante, seja na fixação de taxas de juros. Para Kirzner, o consumidor, com sua capacidade inerente de fixar o preço, estabelece a demanda; o empreendedor, com sua capacidade de perceber oportunidade de otimizar o lucro do capital, estabelece a capacidade de produção; e o indivíduo, com sua capacidade de poupar pela postergação do consumo, oferece o capital necessário para a alocação necessária à que a produção atenda a demanda.

Kirzner enfatiza que, diante da permissividade de qualquer interferência artificial no comportamento espontâneo do ciclo do mercado, qualquer interferência do governo no mercado será maléfica. Partindo do princípio que os planos serão, em alguma escala, falhos, Kirzner argumenta que os múltiplos planos (de consumo, de poupança, de produção, de investimento, etc) dos atores do mercado, são permanentemente alterados para corresponder a percepção que cada agente adquire em cada momento e, em contrapartida, quando o governo faz uma

intervenção na economia, a mobilidade e a fluidez da pluralidade das múltiplas percepções são perdidas.

Há, no entender de Kirzner, uma simplificação para o problema das inconsistências que sempre serão inerentes aos planos. Os defensores de economias planificadas defendem que as inconsistências entre os planos podem ser ignoradas e, no entendimento de Kirzner, essa ficção é altamente perigosa:

It is the market process that has the property of discovering inconsistencies among plans and of offering incentives for their elimination. To introduce capital into the analysis of the market process in a way that assumes that plan inconsistencies do not exist is to espouse decidedly non-Austrian assumptions and to become enmeshed in those insoluble contradictions characterizing orthodox microeconomic theory, the escape from which provides the strongest case for a return (or an advance) to the Austrian position (DOLAN, 1976. p. 143).

Teoria Austríaca do Capital

Ludwig M. Lachmann inicia o ensaio "*On Austrian Capital Theory*" afirmando que, de maneira equivocada, a "teoria do capital austríaco" esta associada às ideias de Böhm-Bawerk. Esclarece que Hicks já observou que a tradição se originou antes mesmo do último quarto do século XIX, estando seu surgimento situado na Renascença. Ele faz a pergunta retórica "how many know that Carl Menger regarded Böhm-Bawerk's theory as 'one of the greatest errors ever committed'?"(DOLAN, 1976. p. 144).

Lachmann argumenta que o modelo proposto por Böhm-Bawerk é macroeconômico e não fornece uma base para a teoria austríaca. Lachmann afirma que a teoria de Böhm-Bawerk restringe-se a responder a questão "por que os proprietários de recursos impermanentes são capazes de desfrutar de uma renda permanente e o que determina sua magnitude?" (DOLAN, 1976. p. 144) e que a noção de estrutura de capital temporal não passava de um subproduto da investigação sobre as causas e a magnitude da taxa de retorno sobre o capital e não sobre o capital em si mesmo.

Lachmann faz a distinção entre taxa de juros sobre empréstimos e taxa de lucro sobre o capital investido. Na taxa de juros sobre empréstimos há uma taxa

determinada diariamente pelo mercado como o preço de equilíbrio e na taxa de lucro não há o equilíbrio determinado pelo mercado. Na comparação da teoria de Böhm-Bawerk com a teoria de Menger, Lachmann destaca que é precisamente a diferença entre taxa de juros e taxa de lucros que reside a distinção entre a teoria de Böhm-Bawerk e a teoria de Menger. Enfatiza que não é possível determinar com exatidão a taxa de lucro pois, citando Hicks, “only in the steady state can we unambiguously determine the size of profits” (DOLAN, 1976. p. 145) e, ainda conforme Hicks, fora do estado estacionário, os lucros somente podem ser alocados para expectativas (que poderão ou não serem correspondidas).

Lachmann declara o propósito de lançar as bases para uma teoria capaz de entender a estrutura de capital, levando em conta a ordem e a coerência da estrutura do capital em termos de ação humana. Para Lachmann, a heterogeneidade do capital e a sua lógica de aplicação impõem restrições nas possibilidades de alocação complementar dos recursos. Lachmann entende que, para maximizar o lucro, compete ao empreendedor fazer as escolhas dos modos de uso do capital sob seu controle e “since his decision involves the future as well as the present, he bases his plan on his expectations” (DOLAN, 1976. p. 148).

Ao combinar a alocação dos recursos segundo suas expectativas, o empreendedor, segundo Lachmann, se obriga a escolher, entre diversas, uma única combinação de alocação dos recursos. Contudo, observa Lachmann, a escolha não será definitiva e o empreendedor poderá reformulá-la e a ação empreendedora, para ser eficaz, requer um estado de constante atenção para detectar as mudanças e requer uma disposição permanente para fazer as mudanças para recombinar a alocação dos recursos de acordo com as novas expectativas. O empreendedor e os recursos que administra estão, segundo Lachmann, imersos no que ele chama de “corrente do conhecimento”, o que implica na necessidade de permanente aprendizagem para, de um lado, fazer a correta leitura do fluxo de modificações da realidade e, por outro lado, desenvolver a melhor alternativa de alocação dos recursos para responder de maneira otimizada o novo conjunto de expectativas. Deste modo, Lachmann entende nos mercados os preços são fixados diretamente e a renda é indireta, o que faz com que cada empresa fique permanentemente em desequilíbrio, forçando a reformulação contínua da estrutura de capital.

Uma crítica à macroeconomia

Lachmann defende que o conceito de processo de mercado deve fundamentar toda vida econômica, isto é, toda análise econômica deve ser iniciada no micro nível. No artigo "*Toward a Critique of Macroeconomics*", Lachmann discorre sobre como lidar com agregados como renda, consumo e salários, que são tidos como categorias macroeconômicas.

Lachmann postula que a discussão da macroeconomia (ou estruturas que constituem o capital da sociedade) precisa, necessariamente, ser acompanhada pela explicação minuciosa das microeconomias (ou organização dos recursos alocados) envolvidas. Contudo, Lachmann destaca que a literatura que trata da macroeconômica não é aderente a esse postulado. Nos escritos de macroeconomia, os agregados macroeconômicos parecem ter uma vida própria, onde os ajustes macros modificam seu ambiente, mesmo não havendo mudanças nos elementos constituintes de suas estruturas. Diz Lachmann "in these writings seem to lead a life of their own, to be endowed with qualities sufficient to allow their adjustment to change in their environment, but change within them is ignored" (DOLAN, 1976. p. 152).

Lachmann cita como exemplo de agregados macroeconômicos estoques e fluxos e faz notar que é aceito que num mundo de incertezas que estoques não podem ser medidos para formular a pergunta retórica por que o capital poderia então ser medido? Ele mesmo responde que somente diante de um hipotético equilíbrio estacionário seria possível medir o capital.

Lachmann encerra o artigo fazendo a distinção entre erro devido a má qualidade estatística dos dados usados na análise e erro devido a falhas metodológicas. No entender de Lachmann, a solução da má qualidade dos dados não será solução para defeitos metodológicos. Deste modo, Lachmann refuta o argumento de que as imperfeições da análise macroeconômica poderiam ser consideradas como inerentes a qualquer aplicação de uma teoria abstrata em uma situação concreta. Tais imperfeições são, segundo ele, decorrentes de falhas do método e não de falhas na coleta dos dados, ou seja, o método macroeconômico é, conceitualmente, imperfeito.

A teoria austríaca da moeda

No artigo "*The Austrian Theory of Money*", Rothbard revisita a Teoria do Dinheiro e do Crédito, de Ludwig von Mises, publicada em 1912. Rothbard entende

que a realização fundamental de Mises foi pegar a teoria da utilidade marginal, construída por economistas austríacos e outros marginalistas como explicação para a demanda do consumidor e preço de mercado, e aplicá-la à demanda e ao valor do dinheiro. Deste modo, segundo Rothbard, a teoria do dinheiro ficou desatrelada da teoria econômica geral da ação individual e da utilidade, da oferta, da demanda e do preço. Com isso a teoria monetária ficou descolada do contexto de “velocidades de circulação”, “níveis de preços” e “equações de troca”.

Para Rothbard, ao aplicar a análise da oferta e da demanda ao dinheiro, Mises foi de encontro ao conceito Wicksteediano no qual a oferta é o estoque total de uma mercadoria e demanda é a demanda total do mercado, conforme os conceitos de utilidade marginal. No entender de Rothbard, o conceito Wicksteediano é adequado para o dinheiro pois (i) o suprimento de dinheiro é extremamente durável em relação à produção atual e (ii) o dinheiro é adquirido não para ser consumido, mas para ser usado em trocas posteriores e, por essas razões, a demanda é um conceito apropriado para analisar a função monetária, especialmente pela característica do dinheiro compor estoque para venda posterior. Além do que, segundo Rothbard, Mises explica a demanda por saldos de caixa como resultado de utilidades marginais em escalas de valor que são particularizadas para cada indivíduo.

Inflação, recessão e estagflação

Gerald P. O’Driscoll Jr. e Sudha R. Shenoy, no artigo “*Inflation, Recession, and Stagflation*” abordam o que seria, segundo os autores, o principal problema macroeconômico que as economias ocidentais enfrentavam na época: “explaining why the supposedly mild inflations of the two decades following World War II turned into the intractable ‘stagflation’ besetting theorist and policymaker alike” (DOLAN, 1976. p. 185). O artigo afirma que as duas principais abordagens de análise do problema (a keynesiana e a monetarista) possuem uma falha em comum: ambas ignoram a economia real e, por consequência, os desajustes provocados por uma política monetária que intervém no livre fluxo das atividades econômicas. O ensaio faz notar que as duas visões, ainda que implicitamente, pressupõem que na economia real sempre haverá algum tipo de equilíbrio de longo prazo, de maneira que o dinheiro influencia apenas o nível de preços ou a renda monetária e não a estrutura dos preços relativos ou a composição da produção real.

O artigo, enfatiza que não existem soluções intervencionistas capazes de resolver a questão inflacionária, a recessão e a estagflação. Para os autores, o desafio é encontrar novas políticas macroeconômicas, políticas fiscais e monetárias convencionais que permitam equacionar de forma mais feliz os males do desemprego e os males da inflação de preços.

Economia austríaca na era da contrarrevolução neo-ricardiana

No ensaio “*Austrian Economics in the Age of the Neo-Ricardian Counterrevolution*”, Ludwig M. Lachmann afirma que, diante da crise que a economia passa, os economistas austríacos deveriam avaliar as suas posições e todo o seu corpo de pensamento, pois uma escola de pensamento não pode decidir o que fazer sem compreender claramente a orientação que deve seguir.

O artigo cita G. L. S. Shackle para afirmar que a teoria econômica se ocupa com (i) a questão das fontes da conduta individual e (ii) a questão das consequências de sua interação:

Economic theory is about the sources of individual conduct and the [216] consequences of its interaction. It is the intimate fusing together of the two questions, concerning the mode of choice of conduct and the outcome of the combination of many men's choices, that constitutes economics as a distinct body of ideas and a discipline on its own (DOLAN, 1976. p. 216)

Diz o artigo que a fusão íntima entre as duas questões, no que diz respeito ao modo de escolha de conduta e ao resultado da combinação das escolhas de muitos homens, que constituem a economia como um corpo distinto de ideias e uma disciplina por si só.

Em paralelo as questões da conduta e das consequências, o artigo enfatiza que a mente humana dá conta de lidar com muitas formas, padrões, estruturas e uniformidades de sequência, o que permite aos indivíduos fazer planos e agir na natureza. Para os autores, uma ciência econômica tem como principal tarefa entender o mundo da ação humana em termos de planos e ações.

O artigo afirma que, como decorrência da conduta e consequências e dos planos e ações, toda entidade que violar a diversidade do mundo social será estranha ao estilo de pensamento austríaco, significando que os economistas austríacos devem estabelecer limites para a abstração e que a diversidade que

importa é a diversidade de gostos, interpretações e expectativas. Neste aspecto, o ensaio tece uma crítica aos ricardianos, afirmando que ignoram a ideia de conduta e consequência, admitem com algum acerto a ideia de planos e ações e ignoram completamente a diversidade do mundo social. Com relação aos neoclássicos, o artigo diz que aceitam a ideia de conduta e consequência, ignoraram a ideia de planos e ações e lidam equivocadamente com a ideia de diversidade do mundo social.

3.2.4 O Relato de Vaughn

Vaughn (1994) vai além de descrever a trajetória do ressurgimento das ideias austríacas nos Estados Unidos da América. Vaughn estrutura e apresenta as ideias e os problemas, tanto no campo teórico quanto no campo empírico, que determinaram o ressurgimento da economia austríaca na virada da década de 1970 para 1980. O livro de Vaughn parte do ano de 1974, momento no qual a economia austríaca encontra-se limitada a uns poucos professores e a um pequeno grupo de estudantes de pós-graduação. Vaughn valoriza, em especial, a coragem e a convicção deste pequeno grupo que conseguiram reintroduzir as ideias austríacas no contexto das discussões do main stream da economia.

3.2.5 Sumário da Conferência

Quarenta e quatro anos se passaram desde a South Royalton Conference. Os relatos que foram sumarizados neste capítulo, dão a exata dimensão da importância do evento para a Escola Austríaca de Economia: a conferência marcou o início do renascimento da Escola Austríaca de Economia.

Os relatos também dão conta que a grande parte dos pensadores austríacos consagrados na época participaram do evento. Também pode ser depreendido dos relatos que praticamente todos os economistas austríacos importantes nos próximos trinta anos na economia norte-americana também estiveram na conferência.

4 O AUSTRIAN REVIVAL

O presente capítulo busca compreender as ideias que foram consolidadas ao que se convencionou chamar de “*Austrian Revival*” que, em boa medida, foram reorganizadas e reintroduzidas no debate das ciências econômicas pelos pensadores da Escola Austríaca reunidos na conferência de *South Royalton*.

4.1 PONTO DE INFLEXÃO PARA O RENASCIMENTO DA ESCOLA

Richard M. Ebeling, no seu artigo “*Austrian Economics on the Rise*”, declara que a Conferência de South Royalton foi planejada como um incentivo para expandir o interesse na abordagem praxeológica: “The conference on Austrian economics was plane as a catalyst for expanding interest in the praxeological approach”, para em seguida enfatizar seu sucesso retumbante: “To this end, the conference must be declared a resounding success.” (EBELING, 1974, p. 3).

Para Ebeling, a conferência cumpriu o papel de elemento catalisador entre os participantes para expandir a abordagem praxeológica. Canais de comunicação foram abertos entre os indivíduos que estavam desenvolvendo, de maneira isolada, ideias em linhas de pesquisa similares. Ebeling afirma que independentemente do participante ter saído convencido ou não dos acertos do método austríaco, todos levaram da conferência um rico material e muitas oportunidades para reflexão sobre as estruturas teóricas que situam a Escola Austríaca de Economia em um espaço próprio e autônomo nas ciências econômicas.

Iorio, por sua vez, afirma que até 1930 os economistas austríacos eram estudados em pé de igualdade com os neoclássicos e marxistas. “Mas, como a versão de Keynes acabou prevalecendo, a Escola Austríaca foi jogada injustamente no deserto do ostracismo” (IORIO, 2010, p. 13). Este ostracismo perdurou até 1974, ano da Conferência de South Royalton.

A pesquisa no material publicado pelos estudiosos da Escola Austríaca nos autoriza afirmar que a Conferência de South Royalton foi consequência e causa.

Foi consequência de uma conjuntura global que pedia e oportunizava o estabelecimento de uma nova abordagem para enfrentamento da conjuntura que se apresentava no início da década de 1970. As ferramentas das ciências econômicas

vigentes à época não davam conta de explicar o cenário de estagnação econômica e, principalmente, não ofereciam alternativas para superar as dificuldades que ali estavam presentes. Este contexto oportunizou reunir na Conferência pensadores que vinham estudando e incrementando ideias formuladas no início do século XX, por exemplo, a teoria dos ciclos de 1912, e adormecidas desde os anos 30.

A Conferência foi causa na medida em que criou um fato histórico que atuou como impulso para o debate e a reciclagem das ideias que estavam latentes por décadas. O debate das ideias da escola austríaca, disparado pela conferência, resultou em um modelo econômico alternativo, capaz de explicar e superar a crise do modelo clássico e neoclássico, como se verá no próximo capítulo.

4.2 FRUTOS DA CONFERÊNCIA DE SOUTH ROYALTON

Vaughn, em seu artigo "*Austrian economics in America – The migration of a tradition*", observa que mais duas conferências semelhantes, também patrocinadas pelo IHS, foram realizadas nos dois anos após a Conferência de South Royalton. Nas décadas seguintes à Conferência, segundo Vaughn, as vertentes da nova escola austríaca tentaram articular as implicações do subjetivismo radical, do tempo e do individualismo metodológico.

Encontros sobre economia austríaca passaram a ser cada vez mais frequentes e bastante material literário passou a ser publicado pelos economistas da escola austríaca. Vaughn cita três programas de pós-graduação em economia austríaca que foram iniciados após a Conferência de South Royalton: o primeiro na Universidade de Nova York, no qual Lachmann participava. O segundo em George Mason University, onde o Centro para o Estudo de Processos de Mercado foi estabelecido por quatro veteranos da conferência de South Royalton. O terceiro, na Auburn University, onde um dos participantes da Conferência de South Royalton também fez parte.

4.3 AÇÃO, TEMPO E CONHECIMENTO

Iorio (2011, Introdução) faz uma advertência sobre a necessidade de se ter uma visão humanista para compreensão da Escola Austríaca. Iorio, ensina que a

economia, como entendida pela Escola Austríaca, assim como a epistemologia e a filosofia política, “deriva do que denominamos de tríade básica – ação, tempo e conhecimento – e se propaga por meio dos conceitos de utilidade marginal, subjetivismo e ordens espontâneas”.(IORIO, 2011, p. 32)

Falando das diferenças fundamentais entre a escola austríaca e as demais escolas de economia, Hoppe (2010) escreve que “[as diferenças] estão diretamente ligadas à resposta da primeira pergunta que todo economista deve fazer: Do que trata a ciência econômica, e que tipo de proposições são teoremas econômicos?” (HOPPE, 2010, p. 9). O autor escreve que “a resposta de Mises é que a ciência econômica é a ciência da ação humana”. Para Mises, a economia é uma ciência pura, “que tem mais em comum com uma disciplina como a lógica aplicada do que, por exemplo, com as ciências naturais empíricas” (HOPPE, 2010, p. 9). Mises apropria o termo “praxeologia” (ou praxiologia, a lógica da ação) para designar a ação humana quando associada ao ramo de conhecimento demonstrado pela ciência econômica.

Praxeologia, “termo criado por Kotarbinsk, para designar “a teoria geral da atividade eficaz” (ABBAGNANO, 2000, p. 786), tem como propósito designar a tentativa de “compreender a totalidade dos domínios da atividade útil dos sujeitos agentes, do ponto de vista da eficácia e suas ações” (ABBAGNANO, 2000, p. 786).

4.4 A TRÍADE DA ESCOLA AUSTRÍACA

No capítulo de introdução do livro “Ação, Tempo e Conhecimento: a Escola Austríaca de Economia”, Ubiratan Jorge Iorio escreve que a Escola Austríaca está fundamentada em “uma tríade concomitante e complementar, formada pelos conceitos de ação humana, pelo de tempo dinâmico e pela hipótese acerca dos limites ao nosso conhecimento”. (IORIO, 2011, p. 17).

Ação humana, concepção dinâmica de tempo e limitação do conhecimento humano formam o núcleo fundamental e constituem “a pedra angular do monumental edifício teórico que constitui a Escola Austríaca de Economia” (IORIO, 2011, p. 17). Os elementos desse núcleo fundamental são transmitidos para três campos do conhecimento (filosofia política, epistemologia e economia) por meio de

três elementos de propagação: utilidade marginal, subjetivismo e ordens espontâneas.

Ação humana - trata-se dos atos voluntários e/ou escolhas deliberadas com o propósito de passar de um estado menos favorável para um estado mais favorável. Na Escola Austríaca, “todos os atos econômicos, sem exceção, podem ser reduzidos a escolhas realizadas de acordo com o conceito seminal de ação humana” (IORIO, 2011, p. 18). Da universalidade do axioma da ação humana, deriva a universalidade da economia austríaca. Não há, deste modo, teorias econômicas específicas ou particulares para cada país ou região. Há sim uma teoria econômica epistemologicamente correta, baseada na universalidade da ação humana que, em última análise sempre buscará a passagem de um estado menos favorável para um estado mais favorável. “Mises denominou o conceito de ação humana de axioma praxeológico número um, no sentido de que a partir dele podem-se deduzir as principais leis comportamentais que regem a economia” (IORIO, 2011, p. 18).

Concepção dinâmica do tempo – Na abordagem da Escola, o tempo deixa de ser uma categoria estática, um simples eixo horizontal utilizado para demarcar variações de comportamentos. A concepção dinâmica do tempo coloca o tempo na perspectiva do indivíduo, do tempo real. No tempo real, somos levados a aceitar que algo de novo está permanentemente acontecendo, nos obrigando a considerar as três características do tempo real: continuidade dinâmica, heterogeneidade e eficácia causal. A abordagem Austríaca entende que ao agir, “os indivíduos acumulam continuamente novas experiências, o que gera novos conhecimentos, o que, por sua vez, os leva a alterarem frequentemente seus planos e ações” (IORIO, 2011, p. 19).

Limitação do conhecimento – O conhecimento humano, da perspectiva epistemológica, sempre conterà componentes de indeterminação e de imprevisibilidade. Esse entendimento autoriza afirmar que “todas as ações humanas produzam efeitos involuntários e que não podem ser calculados a priori” (IORIO, 2011, p. 19). Essa limitação da mente humana, para os Austríacos, impedem a compreensão integral da complexidade dos fenômenos sociais e econômicos ou, dito de outra forma, os sistemas formais seguem certas regras de funcionamento e de conduta que não podem ser previamente determinadas. Diante da impossibilidade de quantificar o conhecimento, a Escola Austríaca entende a

impossibilidade de analisar os mercados como estados de equilíbrio e propõe entender os mercados como processos de permanente descobertas de novos conhecimentos e conseqüente necessidade de articulação destes conhecimentos que, na “economia do mundo real, permanecem calados, silenciosos, escondidos, espalhados e desarticulados, à espera da inteligência humana subjetiva exatamente para despertá-los, exibi-los, organizá-los e articulá-los” (IORIO, 2011, p. 19).

4.5 A CONFERÊNCIA NA REORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA AMERICANA

O conceito de ação humana, a concepção dinâmica do tempo, o entendimento da limitação do conhecimento, a doutrina da utilidade marginal, o subjetivismo e o conceito de ordens espontâneas, discutidos na Conferência, trazem importantes implicações no campo da economia.

Contudo, a síntese do legado da Conferência South Royalton trouxe a reorganização da economia estado-unidense, para ser completa, precisa incluir a ideia de estado mínimo, não intervencionista. A reintrodução que a Conferência faz da discussão em torno dos problemas que um estado intervencionista traz para as finanças públicas, com o conseqüente desequilíbrio do mercado e a falsa promessa de bem-estar de longo prazo, foi importante para o momento histórico de revisão do estado como provedor que os Estados Unidos promovia. A Conferência discutiu a substituição do estado provedor pela figura o empreendedor:

A função empresarial e o empreendedorismo são plenamente exercidos quando o governo é limitado, quando existe respeito aos direitos de propriedade, quando as leis são boas e estáveis e quando prevalece a economia de mercado. Por isso, uma ordem social que estimule as virtudes do empreendedorismo deve estimular o florescimento desses quatro atributos (IORIO, 2011. p. 101).

Em resumo, a Conferência South Royalton reintroduziu o debate em torno de uma visão de economia centrada no indivíduo e na autorregulação do mercado, ou seja, uma visão liberal da economia.

Karen I. Vaughn, falando do futuro da Escola Austríaca, na conclusão do seu livro “Austrian economics in America – The migration of a tradition”, escreve que os

austríacos conseguiram manter vivo um conjunto de ideias exclusivas diante de um mainstream hostil. Contudo, ela adverte que o progresso das ideias austríacas não se dará numa economia “austríaca” isolada. No seu entendimento, o progresso das ideias austríacas se dará na conexão entre direito, economia, teoria do direito de propriedade, teoria pós-keynesiana, institucionalistas e teóricos evolucionistas. Ela também destaca a afinidades que a Escola estabelece entre microeconomia e teoria monetária. Vaughn entende que o progresso virá da comunidade heterodoxa. Para a autora, a boa economia vai além de uma economia de preferências e restrições. Uma boa economia engloba também tempo e ignorância:

The Austrians have played an important role in keeping a set of ideas alive in the face of a sometimes hostile mainstream. Any progress forward, however, need not, indeed should not, be a further continuance of an isolated “Austrian” economics. The already noted links between law and economics, property rights theory, post-Keynesian theory, institutionalists and evolutionary theorists, not to mention the still strong affinities with portions of mainstream microeconomics and monetary theory guarantee that genuine progress will come from some more heterodox community. This is all to the good. In fact, it seems indisputable that scientific understanding would be much improved if at some point in the future we could genuinely and intelligently say, along with Milton Friedman, there is no such thing as Austrian economics, only good economics and bad economics. But this time we would mean that good economics was an economics not only of preferences and constraints, but also an economics of time and ignorance (VAUGHN, 1994, p. 178).

Tempo e conhecimento. Este conceito é um importante elemento que a Conferência de South Royalton deixou como legado para a reorganização da Escola Austríaca nos Estados Unidos da América.

5 CONCLUSÕES

A Conferência de South Royalton foi resultado da iniciativa do IHS para o renascimento da Escola Austríaca de Economia. Idealizada e patrocinada por empresários e organizada e desenvolvida por acadêmicos, a Conferência teve como objetivo fomentar ideias de uma economia liberal a partir das ideias de Mises. Foi um evento acadêmico organizado por mesianos para discutir ideias mesianas.

A Conferência expandiu os temas de interesse da economia para além dos domínios de estudo das ciências econômicas da época. Os temas discutidos deixaram implicações nos campos da economia.

O conceito de ação humana, a concepção dinâmica do tempo, o entendimento da limitação do conhecimento, a doutrina da utilidade marginal, o subjetivismo e o conceito de ordens espontâneas expandiram a abrangência da discussão e recolocaram o pensamento econômico austríaco em pé de igualdade para o debate com as ideias econômicas predominantes na época.

Os conceitos filosóficos, éticos e econômicos discutidos na Conferência serviram de base para fomentar o debate em torno da substituição do estado provedor e intervencionista pela figura do empreendedor autônomo. Os debates da conferência puseram em cheque os problemas que um estado intervencionista traz para as finanças públicas e a [falsa] promessa de bem-estar de longo prazo. Mas a Conferência foi além do mero questionamento. A Conferência propôs um conjunto de ideias para a sustentação de um modelo econômico alternativo, capaz de transpor a crise do modelo econômico norte-americano vigente na época.

As ideias debatidas na Conferência frutificaram em outras conferências sobre economia austríaca, em novos programas de pós-graduação em economia austríaca e na intensificação da produção literária com temas de economia austríaca.

A síntese keynesiana predominava na economia norte-americana dos governos Kennedy-Johnson. A grande maioria dos principais postos da equipe econômica federal eram ocupados por economistas neoclássicos keynesianos. O Renascimento da Economia Austríaca, iniciado pela Conferência, mudou completamente esse cenário nas décadas que se seguiram. Nas décadas de 1980 e

Formatado: Espaçamento entre linhas: 1,5 linhas

1990, os economistas da Escola Austríaca ocuparam os principais postos da equipe econômica federal norte-americana.

Essa alteração no perfil do comando da economia norte-americana foi acompanhada por profunda alteração na própria economia dos Estados Unidos da América. De uma economia planificada, centralizada, com forte intervenção estatal, a economia americana passou para uma economia descentralizada, de livre mercado, com intervenção estatal mínima.

O movimento iniciado na Conferência de South Royalton, disponibilizou um ferramental teórico que provocou e possibilitou a reorganização da economia norte-americana com base nas ideias da Escola Austríaca de Economia.

A economia norte-americana reorganizou-se centrada no indivíduo e na autorregulação do mercado. Reorganizou-se centrada em uma visão liberal da economia, ideia central da Conferência de South Royalton.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**: 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p.
- ANGELI, Eduardo. Caminhos da escola austríaca: relação com ortodoxia, engajamento e produção de novo conhecimento. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 11., 2018. Vitória. **Anais...** Vitória: Associação Brasileira de Pesquisadores em história econômica. 2018.
- BLUNDELL, John. IHS and the Rebirth of Austrian Economics: Some Reflections on 1974–1976. Quarterly Journal of Austrian Economics. Mises Institute, 2014. Disponível em <<https://mises.org/library/ihs-and-rebirth-austrian-economics-some-reflections-1974%E2%80%931976>>.
- BOETTKE, Peter J. **The Elgar Companion to Austrian Economics**. 1. ed. Northampton: Manhattan College Riverdale, 1994. 628 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/237759816/BOETTKE-Elgar-Companion-to-Austrian-Economics>>
- DE SOTO, Jesus Huerta. **A Escola Austríaca**. 2. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. 100 p.
- DE SOTO, Jesus Huerta. **New Light on the Prehistory of the Theory of Banking and the School of Salamanca**. The Review of Austrian Economics 9 (2) 1996, pp. 59-81.
- DOLAN, Edwin G. **The Foundations of Modern Austrian Economics**. 1. ed. Mission: Institute for Humane Studies, 1976. 238 p.
- EBELING, Richard M. **Austrian Economics on the Rise**. Libertarian Forum. Charleston, p. 3-6, outubro de 1974. Disponível em: <<<https://mises.org/library/austrian-economics-rise>>.
- HOPPE, Hans-Hermann. **A Ciência Econômica e o Método Austríaco**. 1. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. 74 p.
- IORIO, Ubiratan Jorge. **Ação, Tempo e Conhecimento: a Escola Austríaca de Economia**. 2. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2011. 234 p.
- NORTH, Gary. Recollection of the 1974 South Royalton Conference on Austrian Economics. Biblical Economics Today, Tyle, v. XXI, n. 5, p. 1-4, agosto/setembro de 1999.
- RIZZO, M. J. Austrian Economics: Recent Work. The New Palgrave Dictionary of Economics (On Line Edition).

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural S.A., 1985. 459 p.

SELDON, Arthur; PENNANCE, F.G. **Dicionário de Economia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1977. 487 p.

VAUGHN, Karen I. **Austrian economics in America**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 198 p.